

Raimundo Orelha *um mestre brasileiro*

Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP
São Paulo
12 de junho a 18 de setembro de 2016

Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro
27 de setembro a 20 de novembro de 2016

Curadoria Denise Mattar

Patrocínio

minalba

Apoio Institucional



ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO BELAS ARTES

Idealização



Almeida e Dale

Coordenação



Realização



FUNDAÇÃO ARMANDO
ALVARES PENTEADO



MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES



ibram
instituto brasileiro de museus

MINISTÉRIO DA
CULTURA





O Pintor do Nordeste

Com grande orgulho a Minalba apoia a exposição *Raimundo Cella - Um mestre Brasileiro*, agora apresentada no Museu de Arte Brasileira da FAAP. Uma referência na arte cearense, Raimundo Cella é o mais importante artista de sua geração e foi um incentivador de talentos locais como Antonio Bandeira e Aldemir Martins.

A obra de Raimundo Cella, segundo a historiadora Isabel Lustosa, é uma janela para o Ceará, com suas praias cheias de luz e cor. Suas jangadas e jangadeiros revelam toda a beleza da frágil embarcação e o rude embate diário dos trabalhadores do mar com as forças da natureza. É um retrato luminoso de uma dura realidade e uma das melhores traduções pictóricas da paisagem litorânea nordestina.

Reunindo 125 obras do artista, vindas de 4 instituições e 15 coleções particulares, a exposição é a maior retrospectiva já realizada sobre Cella, trazendo para o público paulista e carioca a rara oportunidade de conhecer seu trabalho.

Desde sua criação a Minalba investe ativamente para o sucesso da cadeia produtiva de arte no Brasil, e tem, também, um forte papel estimulador na formação de artistas visuais e na realização de exposições de artistas consagrados.

Contribuir para a ampliação da produção artística brasileira também é nosso compromisso.

minalba

Um Mestre Brasileiro



O Museu de Arte Brasileira da FAAP, desde sua inauguração, em 1961, tem como objetivo principal divulgar a arte produzida em nosso país. Paralelamente a mostras de acervo, temos realizado, ao longo de 55 anos, exposições temporárias de artistas brasileiros, das mais diferentes origens, faixas etárias e formação.

Reveste-se, portanto, de especial importância a apresentação da exposição *Raimundo Cela - Um Mestre Brasileiro*, que vem oferecer ao público paulista a oportunidade de descobrir um artista cujo trabalho, tão relevante em seu estado natal, é pouco conhecido entre nós.

Em 1917, Cela recebeu o maior prêmio de pintura do país, o que o levou à Europa. Lá desenvolveu seus estudos, tornando-se um dos melhores gravadores do Brasil. Um problema de saúde o trouxe de volta à Camocim, Ceará. Alguns anos depois, já recuperado, Cela começou a pintar os tipos humanos da cidade e também as suas praias. Ao mudar para Fortaleza o artista descobriu a beleza das jangadas e a luta dos trabalhadores do mar. Sua obra, a partir de então, tornou-se de especial importância na construção da visualidade cearense.

Todos esses momentos estão representados nesta exposição retrospectiva, que reúne desenhos, gravuras, aquarelas e pinturas de cada fase do artista. A mostra é complementada ainda por outras mídias, como vídeos e gravações, que contextualizam a produção de Raimundo Cela, abrindo caminhos para um melhor entendimento da sua obra.

Raimundo Cela - Um Mestre Brasileiro, é uma exposição completa, que, temos certeza, será para cada visitante uma revelação.

Celita Procopio de Carvalho
Presidente do Conselho de Curadores
Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP





Natureza morta, s/d
Óleo sobre tela sobre madeira
20 x 25 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE

Esta obra é considerada uma das primeiras pinturas de Raimundo Cella. Presume-se que tenha sido realizada durante seus primeiros anos de estudo na Escola Nacional de Belas Artes.

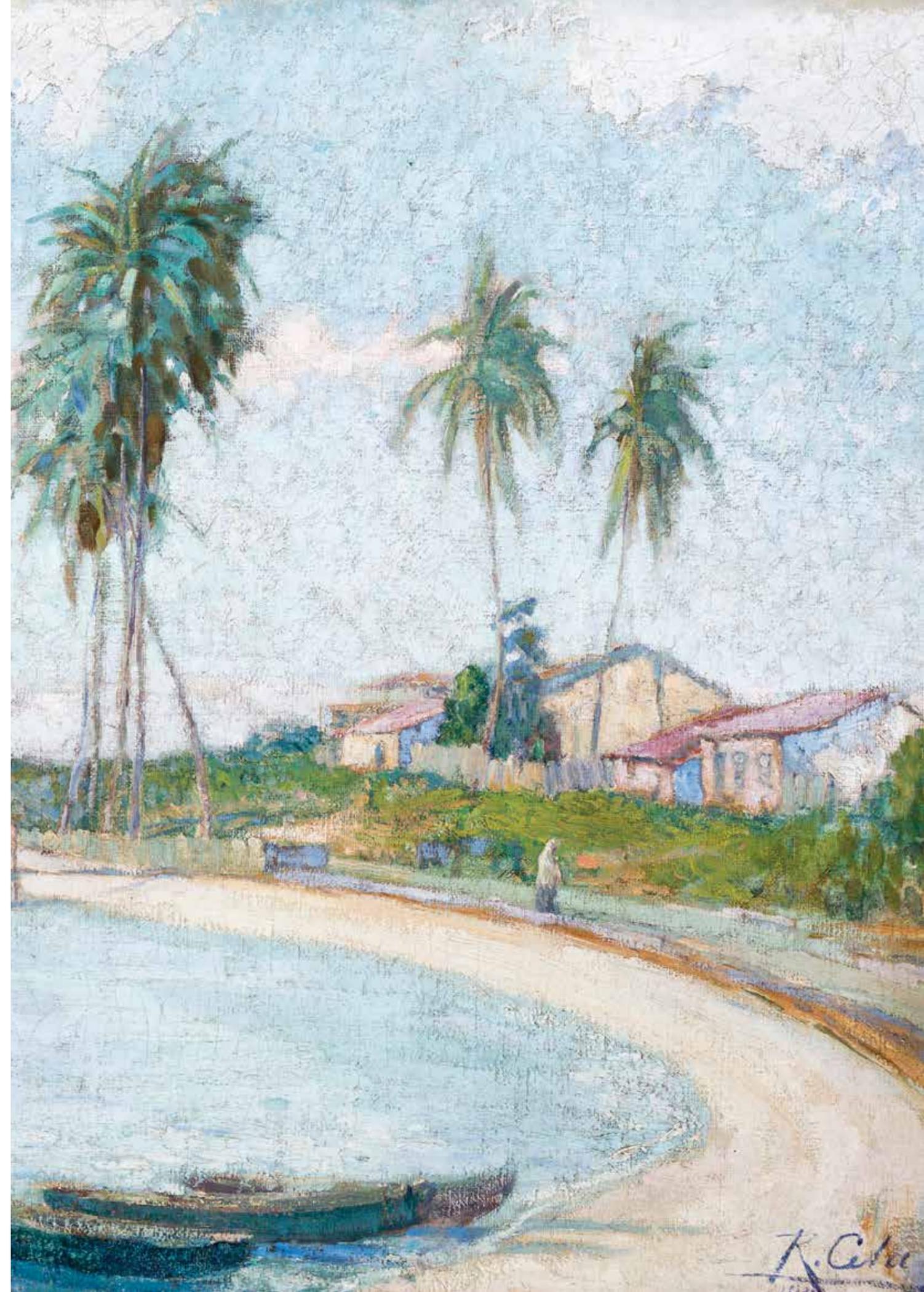
Uma janela para o Ceará

A arte de Raimundo Cella nos proporciona uma janela para o Ceará. Um Ceará de praias oceânicas, de jangadas e de jangadeiros. Um Ceará da gente do mar, com muita luz, vento, areia e água salgada. Certamente está na obra de Raimundo Cella a melhor tradução pictórica dessa paisagem nordestina tão impregnada de sensações para os que nela viveram. Vendo suas jangadas balançando por força das ondas e do vento, a vontade que dá é de cantar aquela famosa canção de Luiz Gonzaga: "olha palha do coqueiro quando vento dá/ olha o tombo da jangada nas ondas do mar..."

Raimundo Brandão Cella foi um pintor cearense do começo do século XX. Um artista singular não só pela qualidade da obra que nos legou como também pela trajetória que seguiu, tão diversa da de outros artistas seus contemporâneos. Ele nasceu em 1890, em Sobral, no interior do Ceará, mas a família Cella se mudou quando ele tinha quatro anos para a cidade litorânea mais próxima: Camocim. Se tivesse crescido em Sobral certamente os temas que mais o inspirariam estariam associados à paisagem árida, ao calor inclemente e ao sol causticante dessa rica e pitoresca cidade do norte do Ceará. Mas crescer na bela Camocim, banhada pelo rio Coreau, beijada pela brisa do Atlântico, ouvindo a pancada das ondas, vendo o movimento dos barcos e dos pescadores marcou seu espírito e impregnou sua arte de forma definitiva.

Origens

O pai de Cella era o espanhol José Maria Mosqueira Cella, chefe das oficinas da Estrada de Ferro de Sobral que se casara naquela cidade com a professora Maria Carolina Brandão, três anos mais velha que ele. Ter mãe professora fazia grande diferença no Ceará do final do século XIX e os filhos do casal fizeram seus estudos iniciais em casa. Ainda adolescente, Raimundo Cella foi matriculado no Liceu do Ceará, em Fortaleza, seguindo, em 1910, para o Rio de Janeiro onde se formaria engenheiro como desejava o pai e pintor como ele mesmo desejava. Em 1913, trabalhou com o Marechal Rondon na "repartição geral de proteção ao índio", conforme contou em carta para o pai. Na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio, estudou sob a orientação dos maiores mestres do começo do século, sendo especialmente influenciado por Eliseu Visconti de quem se tornou aluno dileto.



Uma janela para o Ceará

Em 1917, Cela ganhou o prêmio de viagem do Salão Nacional de Belas Artes. Por causa da Grande Guerra e da necessidade de concluir o curso de engenharia só viajou mesmo em 1920. Permaneceu na França três anos, onde se dedicou ao aprendizado da gravura em metal. É considerado um dos maiores no gênero e suas gravuras, na visão de Adir Botelho, representam um dos raros momentos na história da gravura brasileira em que o ideal artístico encontra um equilíbrio e um acordo perfeitos. A experiência internacional foi importante em sua vida tanto do ponto de vista pessoal quanto do aprimoramento de novas técnicas e talvez houvesse prolongado a permanência na Europa se não tivesse ficado doente. Doença que fora causada, segundo os médicos, pelo excesso de trabalho. E isto também nos revela um pouco desse artista aparentemente calmo, reservado, metódico e disciplinado mas que investia uma paixão tão febril em sua arte a ponto de adoecer mais de uma vez.

Com a morte do pai, em 1924, Cela preferiu se estabelecer no Camocim, onde trabalhou durante dez anos como gerente da Companhia de Força e Luz de Camocim – CFLC, pequena empresa de iluminação à gás que constituía junto com o irmão, Fernando Cela. Mantinha o ateliê ao lado da usina e o jovem pintor e poeta, Otacílio de Azevedo, que ali o visitou, ficou impressionado com a riqueza da obra que reunira naqueles anos de afastamento.

“Uma das mais extraordinárias surpresas da minha vida foi quando, como fotógrafo, em 1933, fui, por intermédio de Péricles Serpa, visitar em Camocim, o ateliê de Raimundo Cela. Ao penetrar no recinto, parecia-me tudo aquilo uma estranha aventura arrancada das páginas das ‘Mil e uma noites’, tal a riqueza de quadros deslumbrantes que me ofuscavam a vista”.

Luz e força

Pintor e engenheiro, artista e engenheiro, foi Raimundo Cela uma contradição em termos? Pode ser, mas talvez a engenharia explique muito da qualidade de sua arte. Segundo Cláudio Valério Teixeira, na obra de Cela nada é inocência, tudo é fruto de planejamento, economia

e técnica. Mas, o equilíbrio racional que daí resulta não faz da sua, uma arte que tenta imitar formalmente as coisas representadas. Nela tudo também é movimento, emoção, agilidade e graça. Se os assuntos de Cela são geralmente brasileiros e mais precisamente cearenses, se sua arte é fruto de sua apurada sensibilidade, sua técnica sutil e equilibrada foi desenvolvida ao longo dos anos de rigorosos estudos no Rio de Janeiro e na Europa.

Seus grupos de trabalhadores do mar têm uma beleza solene, meio melancólica, apesar das luzes e das cores. O olhar é atraído por um detalhe: a cabeça, as costas, as pernas dos jangadeiros, sem desprezar o conjunto em que a harmonia dos movimentos, dos gestos e das formas impactam pela naturalidade com que nos capturam. Seus quadros nos revelam, de uma maneira muito sutil, sem grandiloquência ou pieguice, a poesia que inspira a visão dos pescadores e de suas jangadas nas praias do Ceará. Suas cores são alegres e vibrantes mas matizadas pelos rosas e azuis claros que evitam que o trabalho se deixe corromper pela tentação do excesso normalmente associado à representação da paisagem tropical. De suas telas emana uma luminosidade difusa como a de Turner mas muito mais serena, obtida pela equilibrada distribuição das cores, dos cinzas e do brancos.

Cláudio Valério identifica em seu trabalho a simbiose da pintura com a aquarela: uma seleção de pigmentos de quem já havia olhado a pintura impressionista e por ela se deixado envolver, uma paleta aberta cujas cores luminosas tomam o lugar das terrosas. Sem prejuízo dessas que aparecem nas tradicionais roupas masculinas, calça e camisa de linho cru, tingidas de um marrom intenso, avermelhado, tão característica do povo do Ceará do seu tempo. O crítico chama a atenção para tratamento que Cela dá às suas figuras, nas quais o recurso ao traço quase caricatural e deformador subtrai de seus desenhos o caráter naturalista, fazendo-os ganhar em expressividade.

Se seus quadros são antecidos de um planejamento e de muitos esboços, o resultado das composições nada perde em liberdade e naturalidade e é definido pelo que Claudio Valério chama de “verdadeira transfiguração do aprendizado acadêmico”. O importante, acrescenta: é verificar como o artista vai transformando a forma clássica – poses típicas de estudos de

Uma janela para o Ceará

academia – em traços pessoais, desenhos menos laboriosos, realizados ao natural, agregando características formais inteiramente próprias. A seu ver, o principal tema da arte de Cela é a força: linhas e formas exercem e traduzem tensões, antagonismos criados nos retângulos do suporte confirmam seu principal interesse, em detrimento do meramente anedótico, da simples narrativa das cenas, das ilustração dos fatos.

Raimundo Cela apareceu justamente naquele momento de nossa história cultural em que as artes iam ser atingidas pelo radicalismo de 1922. Criou-se então o mito, que hoje vem sendo revisto pelos estudos sobre pré-modernismo, de que havido um hiato entre os mestres do século XIX e a Semana de Arte Moderna. Nesse período nada teria sido produzido de interessante e criativo. Os que surgiram naquela fase foram mantidos assim numa espécie abandono crítico. Foi nesse limbo cultural que durante muito tempo tentaram alojar Raimundo Cela. Ele foi, na verdade, um artista do século XX, com características de formação e interesses temáticos que remetem à sua primeira metade. Raimundo Cela, sendo um moderno, nunca foi um modernista. Mantendo-se alheio às escolas, não sucumbindo ao apelo fácil do modernismo, o artista escapou de ser contagiado pelas tendências então em voga. Talvez o fato de ter se mantido tanto tempo afastado do meio artístico, pintando seus quadros na tranquila Camocim, tenha contribuído, ao lado das convicções que orientavam a vida do artista, para a singularidade de sua arte.

Um homem singular

Era, segundo o relato dos que o conheceram, um homem sóbrio e discreto sem, no entanto, ser antipático. Ao contrário, os íntimos o descrevem como alguém afável, alegre e conversador. O pintor francês radicado no Ceará, Jean Pierre Chabloz, que o conheceu em Fortaleza nos anos 1940, o descreve como um artista requintado, cultíssimo, dotado num alto grau de ‘mesure’, daquela ‘finesse’ afetuosa e ligeiramente irônica que fazem o encanto indiscutido dos espíritos e das sensibilidades verdadeiramente franceses. Muito dedicado aos pais e aos irmãos mais novos, casou-se tarde, com mais de quarenta anos, com uma moça do Amazonas, Eunice Medeiros, com a qual teve dois filhos, Paulo e Dolores.

Depois de quase quatorze anos em Camocim, a reaparição de Raimundo Cela no cenário artístico oficial se daria em 1938 quando foi convidado para pintar um painel para o Governo do Estado representando a libertação dos escravos do Ceará. Morou durante sete anos em Fortaleza onde foi professor de desenho no Colégio Militar e na Escola de Agronomia. Mantinha ateliê nos altos do lindo teatro José de Alencar, integrando-se ao movimentado ambiente cultural da cidade. Junto com o pintor carioca radicado no Ceará, Mário Barata, Cela fundou, em 30 de junho de 1941, o Centro Cultural de Belas Artes que em 1944, seria renomeada como Sociedade Cearense de Belas Artes. A SCAP foi mais importante espaço de articulação dos artistas plásticos cearenses, dedicando-se ao ensino artístico e à promoção de grandes primeiras mostras coletivas de arte. Em 1943, Raimundo Cela participou do primeiro Salão de Abril, promovido pela Secretaria de Arte da União Estadual de Estudantes (UEE), onde seus trabalhos foram apresentados junto com o de outros artistas da terra: Jean-Pierre Chabloz, João Maria Siqueira, Antônio Bandeira, Rubens, Mário Baratta, Aldemir Martins, Afonso Bruno e Fonsek. O artista retornou ao Rio de Janeiro em 1945 e se tornou professor de gravura em metal da Escola Nacional de Belas Artes, cargo que ocuparia até sua morte em 1954. Nesta última fase da carreira, Raimundo Cela foi duas vezes premiado com a medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes. Retirado em Niterói, viveu ali seus últimos anos, apegado aos quadros dos quais vendeu muito poucos. Não que lhe faltassem compradores, apenas porque o artista tinha-lhes um apego sentimental e raramente se dispunha a separar-se deles.

Isabel Lustosa

Raimundo Cela - 1890-1954

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.
Leon Tolstoi

O advento do Modernismo no Brasil, em 1922, e sua implantação, que se estendeu até o final dos anos 1940, foram responsáveis pela depreciação dos artistas formados em bases acadêmicas. A segregação adquiriu cores ainda mais fortes durante a expansão do Abstracionismo, quando toda a produção acadêmica foi negada, como se nada tivesse valor. Nessa zona de esquecimento permaneceram, por décadas, excelentes pintores como Eliseu Visconti, Lucílio Albuquerque e Antonio Parreiras, entre outros. Se isso ocorreu com pintores do eixo Rio-São Paulo, o que dizer de um artista de origem acadêmica que optou por viver e pintar sua terra natal, o Ceará? Essa miopia, finalmente, começa a ser desconsiderada pela crítica, abrindo espaço para a descoberta de grandes talentos esquecidos.

Raimundo Cela é um dos criadores da visualidade cearense, descartou a representação do nordestino como o sertanejo miserável e faminto, para mostrar o trabalhador forte e decidido do litoral. Pintou pescadores, jangadeiros e barcos, a intensa luz das praias cearenses e as nuvens rosadas do céu equatorial. Suas composições, minuciosamente construídas, são plenas de ritmo e emoção. Elas reúnem a precisão do engenheiro à sensibilidade do artista, o épico ao cotidiano, a precisão do desenho à energia da cor.

Apesar de amplamente reconhecido em seu estado natal, e muito respeitado entre os estudiosos, Cela é bem pouco conhecido fora desses nichos. Assim, a exposição *Raimundo Cela - Um Mestre Brasileiro*, tem como objetivo apresentar ao público paulista e carioca a obra do artista. A retrospectiva abarca sua trajetória a partir de momentos-chave: O prêmio da Escola Nacional de Belas Artes, a viagem à Europa, o retorno a Camocim, a mudança para Fortaleza e a volta ao Rio de Janeiro. Desenhos, gravuras, aquarelas e pinturas, de todas essas fases, permitem compreender o processo criativo do artista.

A vida de Raimundo Cela e as etapas de seu percurso artístico estão amplamente apresentadas neste catálogo. Elas podem ser encontradas no texto de Isabel Lustosa, na cronologia do artista e nos textos introdutórios a cada núcleo da exposição, assim, preferimos abordar, ainda que superficialmente, outro aspecto da trajetória de Cela: a constituição de sua imagística. Fundamentais para a elaboração deste texto e para a realização da exposição foram os seguintes trabalhos: a publicação *Raimundo Cela*, realizada em 1990 pela Editora Pinakothek, e, especialmente, a dissertação de mestrado *Pintura na Travessia: A Paisagem Litorânea na obra de Raimundo Cela*, de Delano Pessoa Carneiro Barbosa, realizada para a Universidade Federal do Ceará em 2010.



Sem título, 1941
Aquarela sobre papel
34 x 24,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE

Raimundo Cela - 1890-1954

Raimundo Cela estudou na Escola Nacional de Belas Artes, de 1910 a 1918, como aluno dos chamados cursos livres – que não exigiam presença em período integral – pois ele estudava engenharia à noite e trabalhava durante o dia. Ao longo desses anos recebeu várias láureas, entre elas a medalha de prata do Salão de 1916. Em 1917 ganhou o prêmio máximo da instituição e o seu sucesso, além do seu talento, foi devido a um cuidadoso planejamento e conhecimento da cultura visual de sua época.

Raymundo Cela conhecia as regras para a obtenção do Prêmio de Viagem vigentes no período, dentre elas a elaboração de um quadro de composição em tamanho grande, além da valorização dos desenhos que configuram a pintura, ou seja, a constituição de tipologias. Não por acaso, juntamente com a tela, o artista expôs, no Salon de 1917, sete estudos (desenhos) das figuras que compõem a cena. Assim, Raymundo Cela contemplou de maneira harmônica as quatro características constitutivas de uma composição: o desenho – tomado como projeto inicial da obra –, o método compositivo, a constituição de tipologias – a partir de desenho de modelo-vivo – e, por fim, explicitou sua proximidade com a tradição clássica¹.

O trabalho foi bastante elogiado pela imprensa. Um das exceções foi Monteiro Lobato, que, já engajado no seu projeto de arte brasileira, discordava do tema histórico e clássico da obra, embora não negasse valor a Cela:

Raymundo Cela é outro nome que aparece. Traz uma tela de vulto: Último diálogo de Sócrates. A mania de sair do presente compreensível, e mergulhar em mundos mortos, como o grego, é uma balda velha da Escola, que não perceberá nunca o absurdo contido nisso, diante da moderna concepção de arte. Como pode um menino do Ceará, transplantado para o Rio, e que não é um helenólogo com 50 anos de estudo, como pode essa moderníssima e brasileiríssima criatura interpretar com sua alma virgem de filosofias, uma cena do século de Péricles? (...) Não obstante Cela denuncia-se com boas qualidades de arranjador, e boa técnica, sobretudo nas figuras secundárias (...)².

O artista não gostou muito da crítica, que relatou em passante em carta a seu pai, mas talvez ela o tenha influenciado de alguma forma, pois, na Exposição Geral de 1918, ele apresentou uma obra intitulada Porto da Jangada (Ceará).

No início de 1920, depois de passar algum tempo com seus pais em Camocim, Cela partiu para a Europa. A bolsa de viagem concedida aos alunos livres previa a permanência no exterior por dois anos, e não exigia a realização de cópias ou frequência a cursos específicos, assim Cela pode escolher onde e como queria estudar. Ficou em Paris, por algum tempo, realizando estudos da figura humana, com modelos europeus femininos e masculinos, em moldes bem acadêmicos. A seguir, já vivendo em Dampierre, registra as paisagens bucólicas de Saint-Agrève em pinturas e aquarelas. Adotou nesses trabalhos uma fatura impressionista, não usada anteriormente, embora, certamente, conhecesse este movimento desde o Brasil, visto ter sido aluno de Visconti. Mas é no desenho e na gravura que ocorre uma determinante mudança temática na obra do artista, Cela repensa os ensinamentos da Academia e volta seu olhar para pessoas comuns do vilarejo onde reside, e os retrata em seus labores: a feira, a oficina, a forja.

Essa atitude estava no ar nesse momento na Europa, como um efeito das mudanças políticas, econômicas e sociais decorrentes do processo de industrialização e da luta pelos direitos trabalhistas da classe operária. O mundo estava mudando e a arte precisava acompanhar:

Essa ênfase numa reflexão sobre um presente em transformação se contrapõe ao culto ao passado praticado no espaço da pintura ensinada nas escolas oficiais de artes, as Academias, e apresentadas nos seus Salões por meio de obras que privilegiavam, como sabemos, um retorno à Roma imperial e republicana, se fossem neoclássicas, ou à Idade Média e ao “Oriente”, se românticas³.

No caso de Cela acreditamos que a convivência com Frank Brangwyn, seu professor de gravura, integrante do movimento *Arts & Crafts*, deve ter contribuído consideravelmente para sua mudança de foco. O conjunto de trabalhos desenvolvido por Cela nesse momento é de qualidade excepcional, neles o artista reúne o rigor da técnica da gravura em metal ao apuro da composição, em obras que transpiram a energia simples do trabalho, revelam o desolamento dos desamparados ou nos fazem sentir o calor do metal em brasa no cadinho. Não por acaso, alguns deles foram selecionados para o *Salon des Artistes Français*. Resta lamentar que esse momento de produção tão especial, tenha sido interrompido pelo AVC que acometeu o artista. Impedido de ler, desenhar, pintar e até de viajar, Cela permanece num limbo até poder voltar ao Brasil.

Logo após sua chegada seu pai falece e o artista instala-se em Camocim⁴.

Apesar de se situar longe da capital, a cidade era, naquele momento, o principal porto do Ceará. A instalação de uma companhia de energia era cada vez mais necessária e Cela torna-se o engenheiro que comanda essa operação. Não sabemos praticamente nada desse período, no qual Cela, aparentemente, deixa de pintar. Como fato temos o falecimento de sua mãe em 1927 e o surgimento de algumas obras datadas de 1929. A partir daí o artista não apenas volta às artes, mas trilha um caminho original e incomum.

Nessa retomada da pintura, Cela volta ao tema dos trabalhadores, em grande diálogo com a pesquisa que estava realizando na França, em 1922. A pintura *Saída da Oficina*, 1929 é quase impressionista e parece ter sido efetuada diretamente sobre a tela, sem um desenho como base. O artista não dá continuidade a este estilo e, já em 1931, inicia a série conhecida como “Cabeças” na qual retrata tipos do Ceará: o vaqueiro, a rendeira, o jangadeiro. Outro tema que começa a surgir nessa retomada é a paisagem litorânea do Ceará, exemplificada na tela *Praia em Camocim*, 1932.

Em 1938, Cela muda-se para Fortaleza e o encontro com as jangadas e o mar bravio abre para ele um novo caminho; a possibilidade de reunir tudo o que havia pesquisado até então. Sua obra dá um salto! Há nesse momento uma junção de temáticas que já eram caras ao artista como o trabalhador e a paisagem litorânea, mas agora elas aparecem numa nova chave. O homem rude e forte que enfrenta o mar e o ar, na sua frágil embarcação com asas de pássaro, interage com a cor e da luz das praias do Ceará. Há também uma superposição de técnicas: o desenho registrando os corpos em movimento, cada músculo retesado na luta contra a natureza, enquanto que a pintura, de rápidas pinceladas, estiliza a cor. E, finalmente, consuma-se a fusão do artista com o engenheiro, e, suas composições, cuidadosamente construídas, são plenas de ritmo e emoção.

Essa mudança para Fortaleza permitiu a Cela estar com outros artistas, convívio do qual estivera afastado durante o período em que residiu em Camocim. Estimulado por Mário Baratta ele volta a participar do circuito de arte brasileiro da época e a enviar obras para exposições. No I Salão de Abril, realizado na cidade em 1943, Cela participou ao lado de jovens como Jean-Pierre Chabloz, Antônio Bandeira e Aldemir Martins, entre outros. Na ocasião Cela expôs a pintura *Arrebentação*.

¹ BARBOSA, Delano P.C. Pintura na Travessia: A Paisagem Litorânea na obra de Raymundo Cela (1930-1950). Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010, p.54-55.

² LOBATO, Monteiro. O "Salão" de 1917. Revista do Brasil, São Paulo, ano II, out. 1917, n.22, p.171-190. In pg 70

³ TORAL, André A. No limbo acadêmico - comentários sobre a exposição "Almeida Júnior- um criador de imaginários". ARS vol.5 no.10 São Paulo, 2007. p1

⁴ Pouco se sabe sobre a morte do pai de Cela, mas aparentemente ela foi súbita, alterando os planos do artista, que, em carta de Paris, escrita quando já se recuperava, dizia ter a intenção de morar no Rio de Janeiro na sua volta.

Raimundo Cella - 1890-1954

Este trabalho fazia parte de uma sequência quase cinematográfica composta por três obras: *A Arrebentação*, *Vencendo o Escarcêu* e *A Virada*, tendo a segunda delas recebido a Pequena Medalha de Prata do IX Salão Paulista de Belas Artes em 1943.

Não podemos deixar de observar que provavelmente muito contribuiu para a escolha temática o episódio conhecido como o *Raid da Jangada São Pedro* quando quatro jangadeiros cearenses, viajaram de Fortaleza ao Rio de Janeiro de jangada, para reivindicar o reconhecimento de sua profissão. O fato contribuiu para firmar a imagem do cearense como um forte, em grande contraste à imagem do caipira indolente do Sudeste, retratado na literatura por Monteiro Lobato e na pintura por Almeida Jr..

Em 1945 Cella muda-se para o Rio de Janeiro, o que altera de forma sensível sua pintura. O artista captura a clara luminosidade das paisagens, mais suave do que a saturada luz do Ceará. Aqui ele também pinta os trabalhadores do mar, mas os personagens refletem os tipos locais, quase sempre retratados em atitude descontraída, sensivelmente diferente do comportamento rijo dos jangadeiros. Entre as obras desse período destaca-se *A Venda do Peixe*, tela de grandes dimensões e um toque épico.

Em 1951 Cella foi aprovado por unanimidade para o cargo de professor de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes, passando a figurar entre os mestres que o formaram. Nesse período Cella transcreve para a gravura a imagística que o consagrou: as jangadas, os vaqueiros e os tipos populares brasileiros. Ao conjunto ele incorpora imagens tocantes, como o casal de retirantes olhando um barco partir e o jangadeiro fitando o mar. Curiosamente as duas gravuras retratam as figuras de costas recurso que o artista explora com maestria para ganhar expressividade.

Considerado como o último trabalho de Cella, o óleo "Duas Épocas" é uma crônica, pintada por um artista que observa o Rio de Janeiro de sua juventude desaparecer. Assim como suas últimas gravuras essa obra parece inaugurar uma nova pesquisa, mais nostálgica e doce, um novo caminho talvez, interrompido por sua morte.

Reunir as 126 obras que compõem a exposição *Raimundo Cella - um mestre brasileiro*, não foi tarefa fácil, e só aconteceu graças à preciosa colaboração de muitas pessoas e instituições que se desdobraram para ajudar o projeto, entre elas, Paulo Linhares e Bitú Cassundé, do Instituto Dragão do Mar, Pedro Eymar, do Museu de Arte da Universidade do Ceará, Randal Pompeu da Universidade de Fortaleza, Monica Xexéo do Museu Nacional de Belas Artes e, especialmente, o artista José Guedes.

Idealizada pela Galeria Almeida e Dale, a mostra teve o patrocínio da Minalba para sua realização. Agradeço a todos os colecionadores e instituições que cederam obras para esta exposição, ao Museu de Arte Brasileira da FAAP e ao Museu Nacional de Belas Artes pelos belos espaços, e à toda a competente e sensível equipe que produziu as duas mostras. Destaco a bela cenografia de Guilherme Isnard, que nos ajudou a empreender uma mágica viagem à obra de Raimundo Cella.

Denise Mattar
Curadora



Porto de Camocim, CE, 1939
Óleo sobre tela
46 x 62 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE



As fotos da exposição foram realizadas no Salão Cultural
Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP
Cenografia: Guilherme Isnard
Fotos: Fernando Silveira

Um Artista Promissor

1910/1919

Desde cedo Raimundo Cela demonstrou talento para as artes plásticas. Acredita-se que o desenho *Árvore* (página 26) seja um de seus primeiros trabalhos.

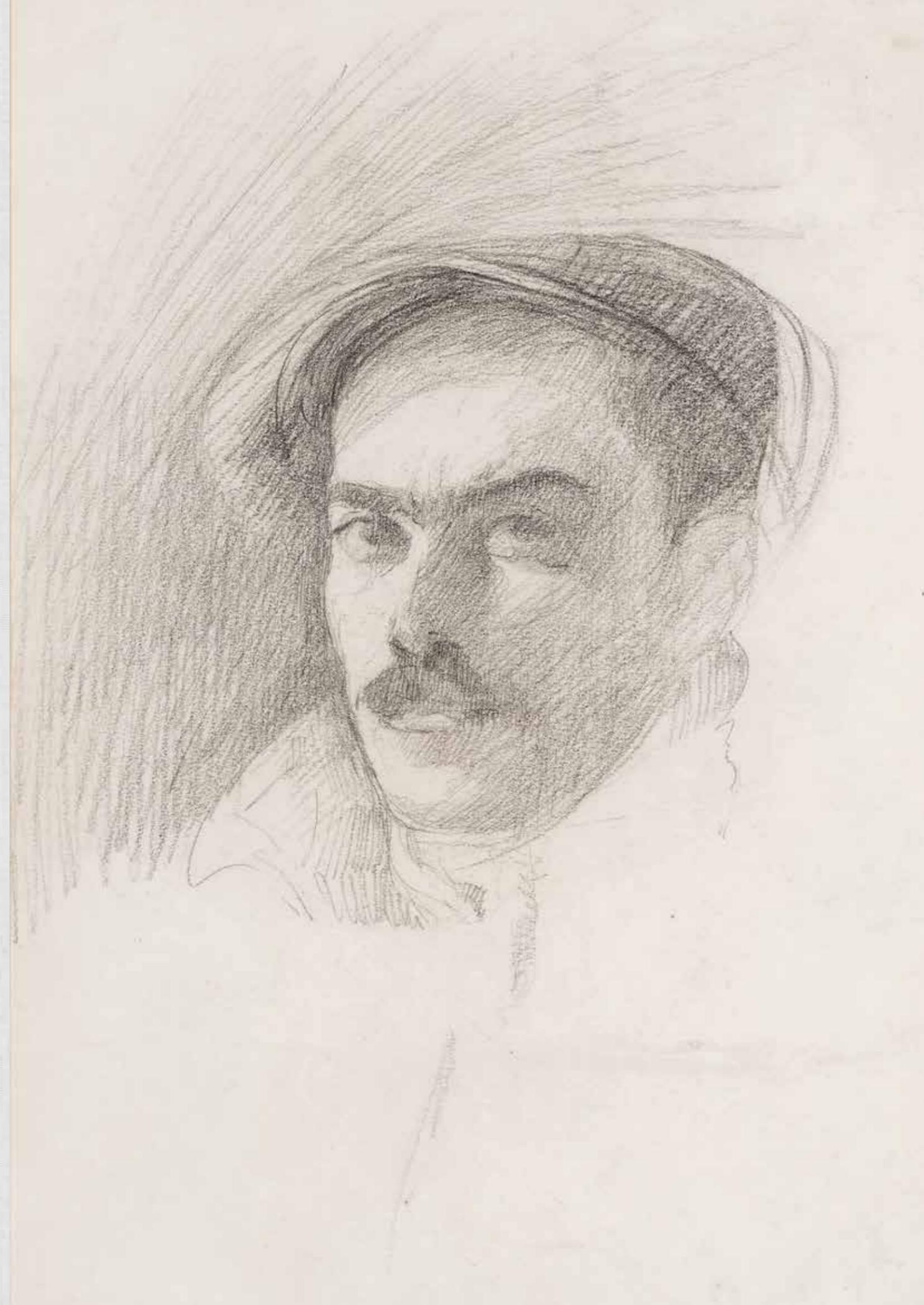
Em 1910, aos 20 anos, ele foi para o Rio de Janeiro estudar Engenharia, como queria seu pai, e Arte, como ele mesmo desejava.

Na Escola Nacional de Belas Artes foi aluno de João Zeferino da Costa, Eliseu Visconti e João Batista da Costa. Nesse período, Cela recebeu várias vezes o primeiro lugar nos concursos de composição entre os alunos. Ele era novato, vindo de longe, cursava engenharia, trabalhava durante o dia, para não depender do pai, e mesmo assim chamou a atenção dos professores.

Em 1916, numa de suas primeiras participações na Exposição Nacional de Belas Artes, ele já recebeu a medalha de prata e, em 1917, surpreendentemente, ganhou o ambicionado Prêmio de Viagem ao Exterior, que o levaria a Europa.

Seu autorretrato, de 1921, foi realizado em Paris.

Autorretrato, 1921
Grafite sobre papel
33 x 23 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE





A large, horizontally-oriented informational panel with a gold-colored frame. It is divided into two main sections by a horizontal line. The top section contains several small images and blocks of text, including a portrait of a man on the left and a group of people in the center. The bottom section also features images and text, with a small portrait on the right side. The text is in a non-Latin script, likely Persian or Arabic.





Árvore, 1908
Grafite sobre papel
27 x 19 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



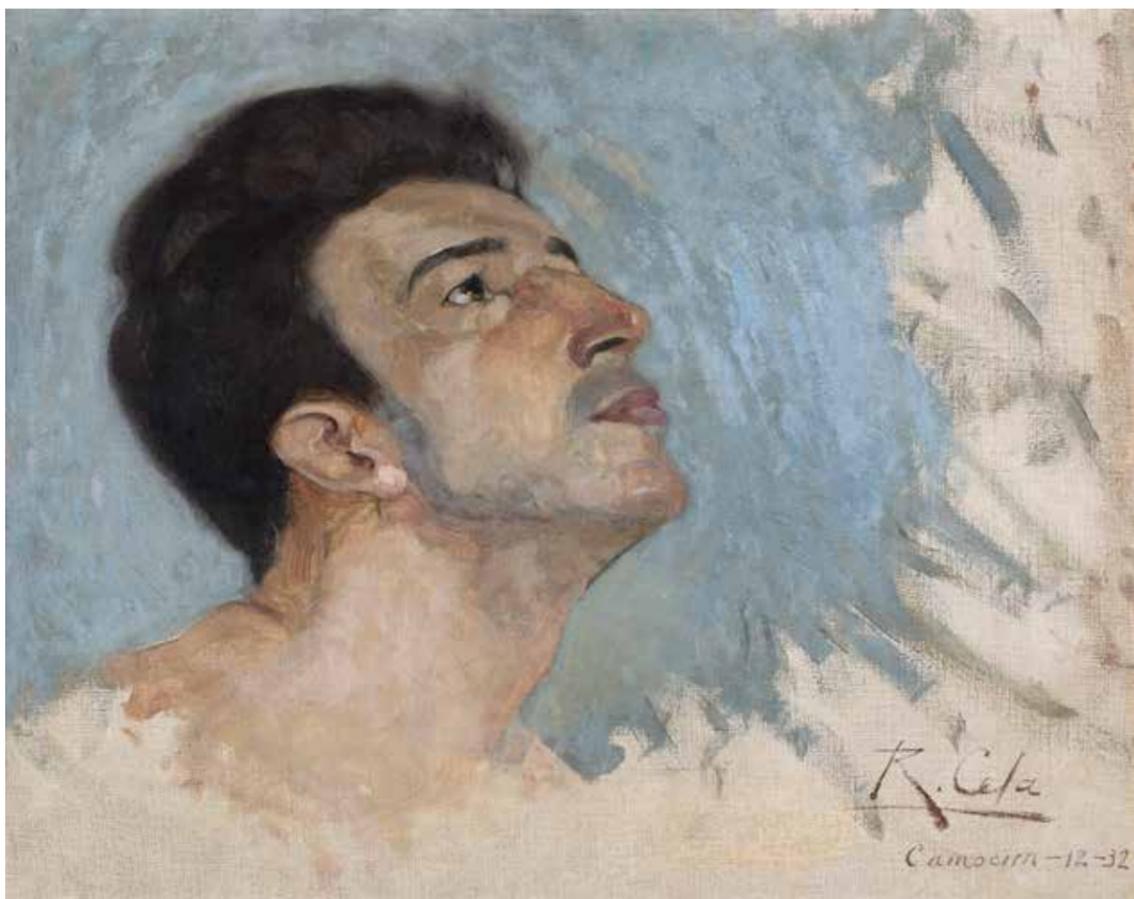
Mulher bordando, 1932
Óleo sobre tela
80 x 70 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



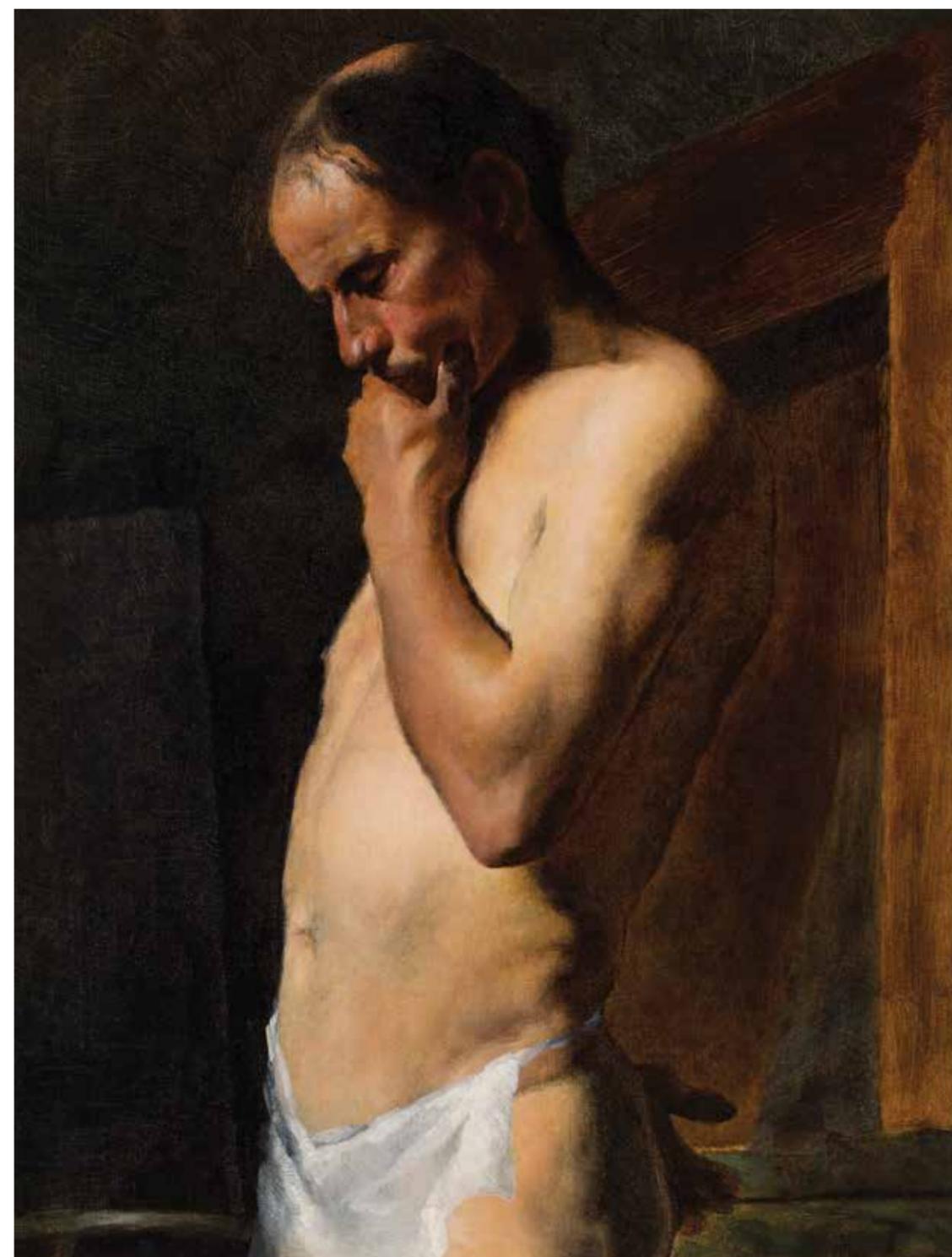
Paulo Cella, 1936
Óleo sobre madeira
43 x 53 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Dolores Cella, 1944
Óleo sobre madeira
76 x 50 cm
Coleção Particular
São Paulo - SP



Estudo de Cabeça de Homem, 1932
Óleo sobre tela
40 x 50 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Sem título, s/d
Óleo sobre tela
40 x 30 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE

O Grande Prêmio 1917

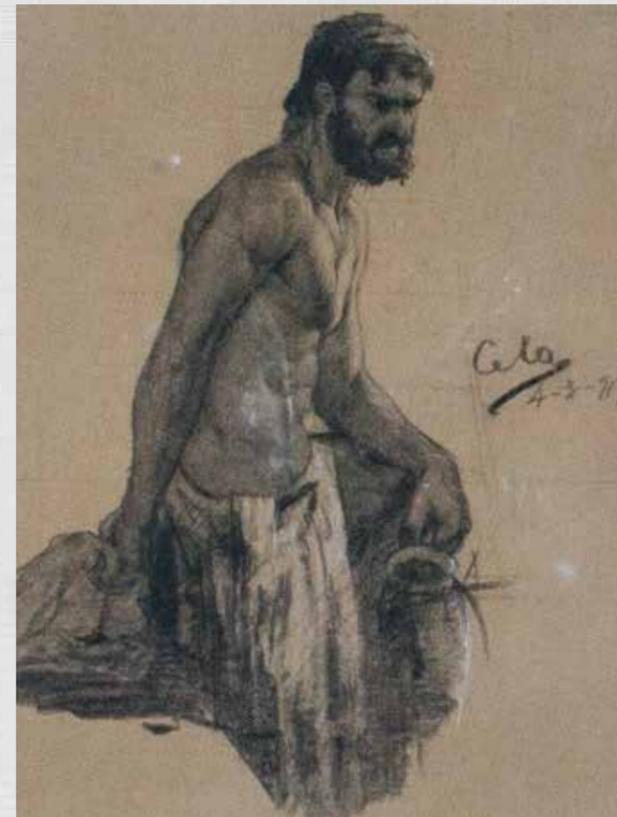
Em 1917, Raimundo Cela recebeu o mais cobiçado prêmio da XXIV Exposição Geral de Belas Artes, o Prêmio de Viagem ao Exterior, com a pintura *O Último Diálogo de Sócrates*. A Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro era a mais importante instituição de ensino de artes plásticas no Brasil, e sua Exposição Geral, o evento mais aguardado entre os artistas. As premiações eram divididas em menção honrosa, medalhas de bronze, prata e ouro. O *Grande Prêmio de Viagem ao Exterior* concedia ao artista uma pensão para morar na Europa por dois anos.

O Último Diálogo de Sócrates é uma obra de caráter acadêmico, que retrata o momento no qual o filósofo prefere tomar o veneno e aceitar sua condenação, do que fugir, como queriam seus discípulos. A escolha de um tema histórico grego que privilegia a ética, o desenho primoroso, o desenvolvimento da atitude e emoção das personagens e a execução da pintura com intenso uso do claro-escuro, convergiram para o reconhecimento e consagração de Raimundo Cela com a conquista do tão sonhado prêmio.

As obras premiadas passavam a integrar o acervo do ENBA.



Último Diálogo de Sócrates, 1917
Óleo sobre tela
171 x 240 cm
Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro - RJ



Estudo para
"Último Diálogo
de Sócrates", 1917
Carvão e crayon
sobre papel
56 x 46,3 cm
Coleção particular



Estudo para
"Último Diálogo
de Sócrates", 1917
Carvão sobre papel
58 x 45,5 cm
Coleção particular

Cartas ao Pai

1913/1922

Raimundo Cela manteve correspondência constante com sua família durante todo o tempo em que morou distante, e as cartas que escreveu são documentos importantes que revelam a pessoa por trás do artista.

As cartas enviadas ao seu pai mostram a forte conexão que existia entre ambos, o cotidiano de Raimundo Cela no Rio, as dificuldades de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, os elogios e incentivos do professor Eliseu Visconti para que não abandonasse a pintura e a conquista do Premio de Viagem.

Na França relata as dificuldades que o pós-guerra ainda impunha a Paris, seus problemas financeiros, as saudades de casa e da família, o grave problema de saúde que o vitimou, e o reconhecimento no *Salon des Artistes Français*, pouco antes de seu retorno, no qual foi aclamado como mestre.

Selecionamos aqui dois exemplares dessa correspondência, transcritas a seguir.

Rio 19 de fevereiro de 1913

Ópai, abençoe-me,

Acabo de chegar ao Ministério da Agricultura onde fui tomar posse ao lugar de desenhista da “repartição geral de proteção aos índios”.

Desde o princípio de janeiro que eu esperava cada dia poder transmitir-lhe essa notícia, sem a qual eu não podia estabelecer minha situação atual. É esse o motivo porque essa é a minha primeira carta deste ano ao senhor, pois eu me sentia obrigação de esclarecê-la.

No princípio de novembro, um arquiteto para quem eu já havia feito alguns trabalhos, fez-me uma proposta para eu trabalhar com ele: nas seguintes condições: trabalhando 5 horas (escolhidas por mim), com o ordenado de 250\$000, 20% sobre os lucros do escritório 3\$000 por hora quando fosse preciso trabalhar extraordinariamente. Essa proposta me foi feita numa carta. Ora isso me pareceu um esplêndido negócio pois por todos os lados só me oferecia vantagens. O tempo do trabalho diminuía, o lucro aumentava; e a posição me melhorava indiscutivelmente, pois então era um simples empregado, mas um sócio interessado. Entretanto havia uma razão que me fazia hesitar, era que o escritório era nascente ainda. Mas com um certo espírito de aventura aliado à confiança que eu depositava nesse moço cujo nome é Cypriano Lemos fez com que eu alijasse do meu espírito toda a hesitação do oferecimento. Bem, restava então resolver outro problema, era a minha retirada da casa de maneira cordial. Isso, porém, fez-se de modo ainda melhor do que eu esperava, pois, o próprio Cypriano Lemos encarregou-se de falar aos meus chefes com os quais ele tem muita intimidade. Disse-lhe que precisando de um auxiliar nas minhas condições, pedia-lhe para me desobrigarem dos serviços da casa. Prontamente acederam. Depois eu mesmo falei-lhes justificando o meu procedimento e agradecendo-lhes a distinção com que sempre me trataram.

No dia 30 de novembro deixei a casa onde fiz tão boas amizades onde me lembrarei sempre com saudade. Comecei então minha nova vida - o meu campo de ação era muito vasto; não se limitava ao serviço de escritório. Às vezes era dirigente e tratava diretamente com a praça. O que me entusiasmava pois hoje o engenheiro é um homem de negócios. Assim ia muito animado quando o primeiro de janeiro tudo modifica-se novamente. O Cypriano teve a oferta de um bom emprego do Ministério da Agricultura ao qual aceitou resolvendo assim fechar o escritório. Isso porém, só depois que me colocou lá também com um emprego que melhorou muito as minhas condições, pois tendo o ordenado de 500\$000 mensais. A melhoria não consistia só no aumento do ordenado mas principalmente na diminuição do trabalho que é quase nenhum nas cinco horas de expediente. Sendo aliás este o expediente que sempre tenho tido, com a diferença porém, que trabalhava desde o momento que entrava lá até

o de saída. O que só com o correr do tempo vi que é exaustivo para quem quer estudar à noite. Preciso dizer-lhe que tudo o que tenho feito aqui em relação a emprego tem sido independente de política. Agora quem me colocou foi o Cel. Rondon, diretor da repartição onde trabalho e cunhado do Cypriano. Os meus companheiros, que vivem atrás de político e que, quanto a emprego não têm conseguido fazer o que fiz, chamam-me Homem de estrela.

Agora que eu já lhe falei do lado prático da minha vida, passo a falar-lhe dos meus estudos, lado prático também, porém indiretamente. Nesse assumpto sinto não poder conservar o tom optimista. No ano passado matriculei-me na 2ª série (ano) da escola Politécnica, mas de cadeiras que o constituem só a de Topografia, cujos exercícios práticos fui fazer em Mendes, frequentei com aproveitamento por ser uma matéria fácil e prática. Quanto as outras o meu aproveitamento foi quase nenhum. Isso devido ao meu novo emprego e ao mesmo estado cerebral conseqüente de um esgotamento nervoso, cujos indícios eu já sentia quando fiz o curso-anexo. Quando acabei de fazê-lo melhorei bastante com mais de dois meses de repouso. No fim do 1º ano voltei a sentir todavia mais pronunciadamente, os sintomas desta moléstia, os quais são um entorpecimento cerebral, isto é, incapacidade de raciocinar e neurastenia.

Um médico, a que consultei ultimamente, disse-me que o único remédio para mim é o repouso e a abstinência completa de leitura, até mesmo a de jornais. Felizmente agora eu tenho trabalhado pois com o que eu tenho tido melhora sensível. Durante 15 dias que passei em Mendes, naquele clima delicioso muitas vezes senti-me revigorado: o cérebro em plena atividade. Agora com o meu novo emprego eu espero ficar bom. A minha idade ainda permite um reestabelecimento completo. A minha doença limita-se ao sistema nervoso. Quanto ao resto do organismo estou completamente são e mesmo gordo e nutrido como nunca fui.

Na Escola de Belas Artes não me foi possível matricular-me no ano passado, desatendendo eu assim ao meu professor de pintura, Ilmo. Visconti, que me pedia insistentemente para eu não deixar a aula. Esse homem é muito meu amigo. Preciso relatar-lhe um facto: no primeiro ano de aula que tive com ele, em 1911, no 3º concurso de composição de quadros, aos quais concorri, tirei sempre o primeiro lugar. Dentre os concorrentes menos antigos na aula, eu tinha 2 anos de frequência. Desde então ele tomou por mim um verdadeiro interesse e não me encontra, na rua, ou em qualquer lugar, que não diga: não deixa a pintura! Em setembro último ele me encontrou e perguntou-me porque eu não estava matriculado. Eu disse-lhe então como desculpa, que o custo da matrícula tinha subido muito respectivamente de maneira que não sendo possível matricular-me na ocasião regulamentar. Ele disse-me, depois de ouvir minha justificativa: Pois amanhã você estará matriculado e não pagará nada. De facto arranjou minha matrícula e eu ainda frequentei a aula dele durante o último mês do ano. Este facto, como o senhor vê, é uma prova de dedicação e ao mesmo tempo um estímulo para mim.

Justamente quando já tinha a certeza de ser nomeado e de ficar, portanto em condições de poder convidá-lo para vir morar comigo, tive a notícia da viagem do Fernando para Fortaleza. Ele aqui pode adquirir habilitações técnicas que lhe proporcionarão uma vida fácil e mesmo próspera. Ao passo que aí ele estará sempre obrigado a viver no comércio, onde me parece que devido à sua índole, ele não prosperará. Ser-me-á fácil encaminhá-lo aqui. Vou escrever-lhe nesse sentido, mas desejo conhecer o modo de pensar do Papai a tal respeito.

No princípio do ano comprei para a Áurea, como presente de festas, uma pulseira de ouro, que ainda não mandei por falta de portador. Agora, porém, vai para aí o Belarmino Vianna que levá-la-á.

Lembrança e abraços a todos os de casa e aos parentes.
Abraça e abençoe o filho.

Celinha.



Dampierre, 26 de julho de 1922

Papai, abençoe-me,

Depois de suas cartas recebidas em abril, nada tenho tido como notícia daí de casa a não ser uma carta do Com. Jaguaribe. Em fins de maio enviei-lhe um postal e fiz uma carta à mamãe. Desejo que nada anormal tenha motivado a falta de notícias daí de casa.

Da minha cabeça estou quase completamente restabelecido. Só meus olhos continuam doentes e sinto alguma dificuldade para ler e escrever. Mas também dos olhos estou muito melhor e, segundo a opinião do médico, dentro de mais alguns meses estarei completamente curado.

Ainda não escrevo nem faço nenhum trabalho intelectual. O repouso em que vivo obrigatoriamente é uma penitência para mim, mas disso depende o meu restabelecimento. Os médicos dizem que só de repouso depende o meu estado geral e a sobrecarga, em consequência do meu cansaço cerebral.

Até agora, e por todas as razões que tenho lhe falado sobre minha saúde não tenho podido lhe escrever detalhadamente, mas daqui por diante enviarei minhas notícias mais amiúde. E começo por falar, desde o começo deste ano, a cerca do meu estado de saúde.

Nos princípios de janeiro fui atacado de uma gripe, que me enfraqueceu bastante. Até então estava bem-disposto e trabalhava num grande quadro que devia enviar à exposição do Rio. Logo que me senti bem de saúde, voltei ao meu trabalho, talvez com mais entusiasmo ainda. Assim trabalhei sem descanso, até alguns dias antes da minha doença quando senti vontade de repousar pois me encontrava muito debilitado. Já não podia dormir. Tinha abusado das minhas forças. A treze de março, quando me dirigia para a estação onde ia receber o Com. Jaguaribe, começou a aumentar a dor de cabeça, que desde casa, começara a sentir. Era uma dor que sem ser muito forte, me incomodava bastante. Do lado esquerdo e exteriormente na região entre o ouvido e o olho. Disse ao amigo com quem estava, que qualquer cousa de anormal me fazia sentir com que não era habitual. O meu colega não me quis deixar só e resolveu me acompanhar até a nossa casa. Ele é um gravador premiado também, que não me abandonou mais durante a minha doença. O médico que me examinou no momento foi exagerado e não percebeu meu caso. Disse que eu estava gravemente doente, com uma congestão cerebral e que eu devia ser imediatamente transportado a um hospital. Isso naturalmente não me foi dito, mas ouvi perfeitamente quando o Dr. Achard, chefe da clínica do hospital onde eu estava, disse ao meu colega, que o meu caso não era de gravidade. Ele me examinou e não me encontrou paralisia, o que o levou a dizer que não se tratava de uma congestão cerebral, mas de uma hemorragia meninge - uma pequena ruptura numa das veias da película, que envolve o cérebro e se chama meninge. Depois de examinado o meu sangue, que não contém nenhuma impureza, e observado o meu organismo, os médicos deram como único remédio o repouso de alguns meses. Como razão do meu acidente acham que não encontram outra se não a fadiga cerebral, dada a minha idade e as condições do meu sangue e do meu organismo. Os meus olhos foram examinados por dois oculistas, sendo um deles uma notabilidade e todos foram de opinião que minha vista depende do meu estado geral e que logo que esta estiver completamente normalizada, eu enxergarei como dantes. De facto já tenho melhorado sensivelmente e hoje só ainda a leitura me é difícil e mesmo me fatiga muito. Olhando-me ninguém percebe a imperfeição da minha vista. Dapai, não foi a minha doença que me fez sofrer. Felizmente fui sempre resignado diante do meu sofrimento material e da solidão que me encontrava. Não quer dizer que não tenha sido visitado. Mas não podia me conformar com a situação que bruscamente me encontrei! Tendo-me impossibilitado de trabalhar por não sei porque tempo! Os mesmos projetos falhos!... Sabia que não seria possível enviar ao "centenário" a pintura em que tanto esperava e que só depois de muito tempo poderia cumprir o contrato com o Ceará. Por outro lado apavora-me a minha despesa de três mil francos mensais, numa casa de saúde, que melhor seria intitulado de ladrões. Felizmente a minha cura tem sido mais rápido do que eu esperava e eu pude me livrar dos gastos exorbitantes para mim. E hoje que me voltou a saúde, eu vejo tudo com mais tranquilidade. Logo que me foi pos-

sível, vim para Dampierre, que é um pequeno lugar próximo de Paris, mas onde há muito bom ar e grande repouso. Felizmente passou a tempestade.

Estou ansioso para voltar ao Ceará, mas o médico acha que eu ainda não devo fazer uma longa viagem de mar. Em setembro irei ao Dr. Achard e se ele me encontrar completamente curado, embarcarei para Pernambuco, passando pela Espanha. De qualquer maneira, irei a Madrid em setembro.

O meu estado financeiro não é muito folgado, mas também ainda não declaro falência. E se tudo continuar normalmente como até agora, poderei dispensar sacrifícios seus, ou de alguns amigos do rio, porque ainda tenho dinheiro para três meses e a viagem até aí. Três amigos do Rio enviaram-me um telegrama em que me comunicavam terem posto à minha disposição a quantia de 6.000\$. Se bem que não precisasse no momento, não me era possível deixar de aceitar e agradecer a generosidade de bons e velhos amigos. Quero falar especialmente de Cypriano Lemos e do Sloy de Moura, que não esqueceram de mim quando atravesso um mau quarto de hora. Sempre ouvi dizer que é nos maus momentos que se conhecem os verdadeiros amigos. Pois agora acabei de verificar essa verdade e essa prova foi pra mim senão pela amizade e logo que receberam a espantosa notícia da minha doença enviaram-me cartas que mais pareciam de irmãos.

Penso em me empregar, no Rio ou aí em Camocim, mas até agora nada tenho assentado a esse respeito. Tenho muita vontade de ficar aí em casa, mas acho que serei forçado a voltar ao Rio, onde posso contar com alguns amigos para obter um lugar. Enfim, sobre tudo isso conversaremos em breve. Um dia antes de cair doente tinha enviado ao "salon" uma paisagem e duas águas-fortes feitas no sul da França. Afim de evitar que os colegas soubessem do meu fiasco, caso meus trabalhos fossem rejeitados, ninguém sabia dos meus envios. Pois bem, meus trabalhos não somente foram aceitos, mas fui colocado entre os mestres e francamente elogiado por vários dos melhores jornais de Paris. Só pude visitar o "salon" poucos dias antes do encerramento.

Tenho recebido os jornais daí de Camocim e de Fortaleza. Como não encontro jornais espanhóis a comprar senão em Paris, não lhe poderei enviar "El Sol" enquanto estiver em Dampierre.

Por hoje fico por aqui. Até breve.

Lembranças e Abraços a todos os de casa e beijos às mimosas sobrinhas.

Dapai abençoe e abraçe o filho.

Celinha



Europa 1920/22

Cela chega à Europa em Abril de 1920, e vai para Paris. Embora considere a cidade fascinante, relata uma grande dificuldade de adaptação à vida movimentada e frenética daquele período, incompatível com sua personalidade reservada.

A seguir viaja para a Inglaterra, Bélgica e Holanda visitando vários museus. No seu retorno, sem ter condições de instalar um ateliê em Paris, reside em Dampierre, uma pequena comunidade da região de Saint-Agrève, a uma hora de distância de Paris. É lá que Raimundo Cela começa a se interessar pela pintura de paisagem e a adensar seu interesse pelo estudo do desenho do corpo humano e pela temática dos trabalhadores e operários; mais presente nos desenhos e gravuras.

Em 1922, participa do *Salon des Artistes Français* com a obra *Paisagem de Saint-Agrève* (1921) e duas águas-fortes, que lhe rendem boas críticas nos principais jornais parisienses. Nesse momento, ele sofre uma hemorragia meníngea, um tipo de Acidente Vascular Cerebral (AVC), que o impossibilita de trabalhar por quase um semestre. Os médicos recomendam repouso absoluto, pois sua visão foi seriamente afetada. Sua recuperação completa vai se dar apenas após o retorno ao Brasil.



Paisagem de Saint-Agrève, França, 1921

Óleo sobre tela

58 x 68 cm

Museu Nacional de Belas Artes

Rio de Janeiro - RJ



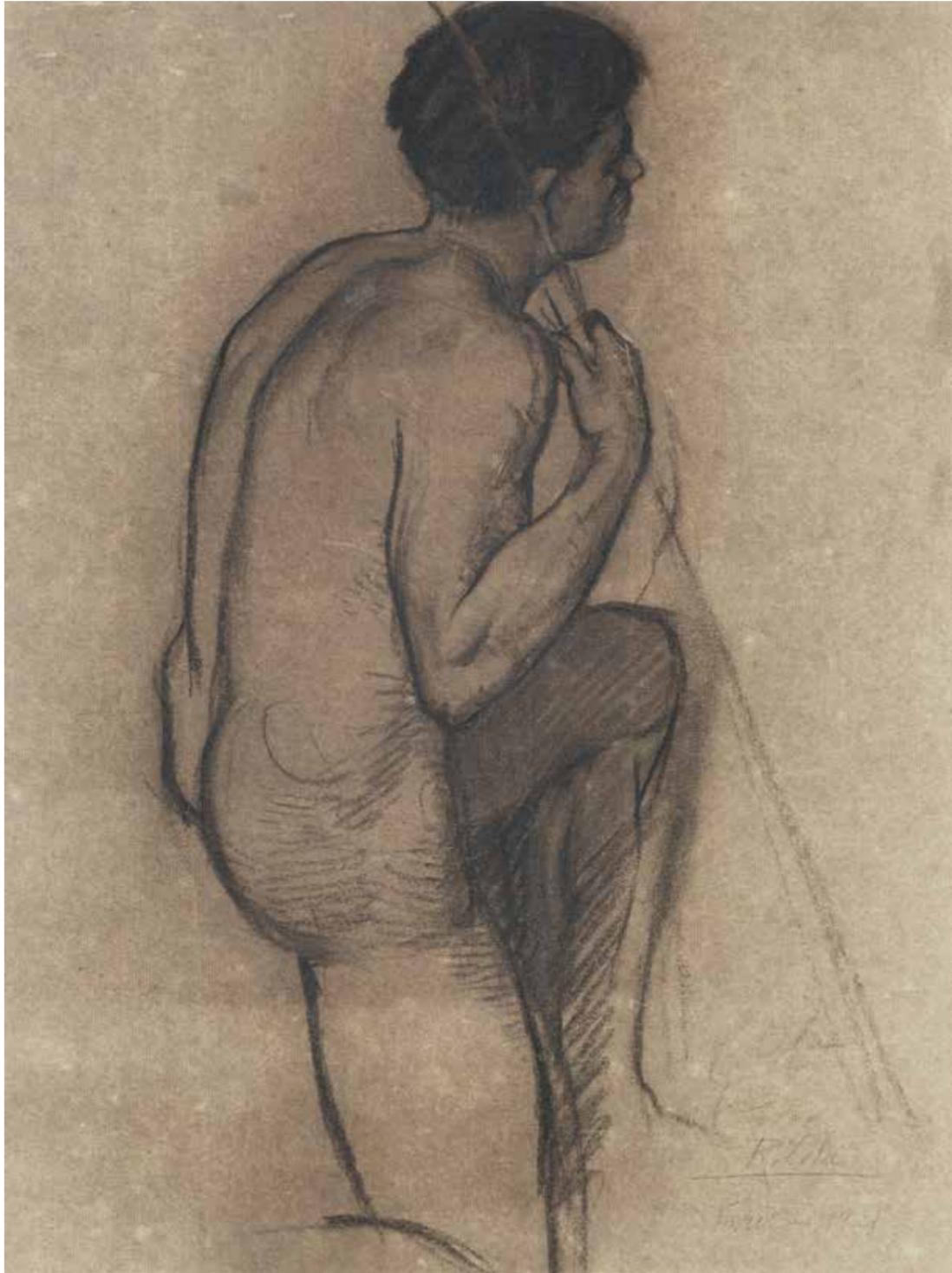




Paisagem de Dampierre, França, c. 1921
Aquarela sobre papel
36 x 44 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



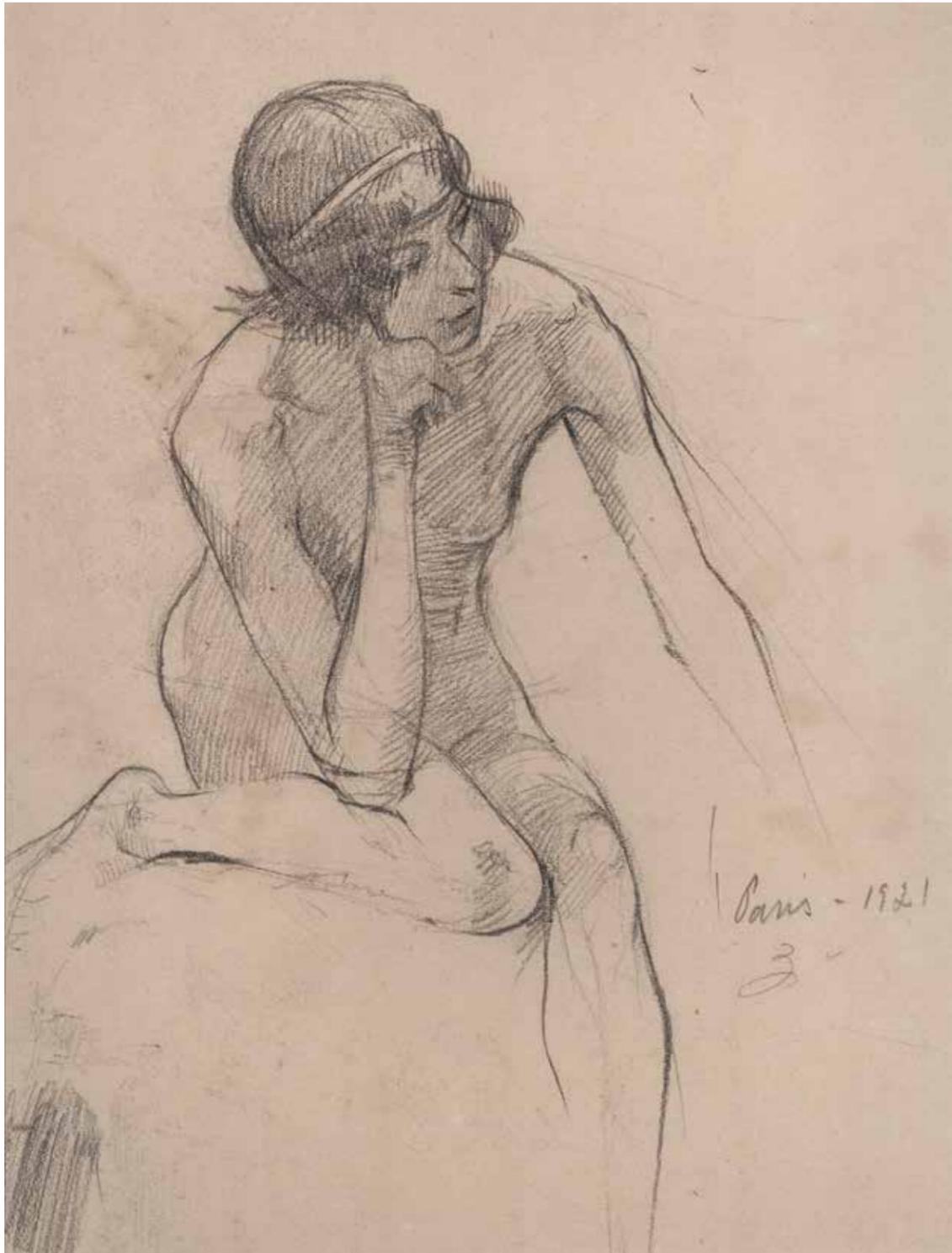
Cena Urbana, Paris, França, 1922
Óleo sobre tela
33 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Nu masculino, 1921
Carvão sobre papel
51 x 39 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Figura feminina, 1922
Carvão sobre papel
63,5 x 47,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Nu feminino, 1921
Crayon sobre papel
30,5 x 23 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Nu feminino, 1921
Crayon sobre papel
21 x 29 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



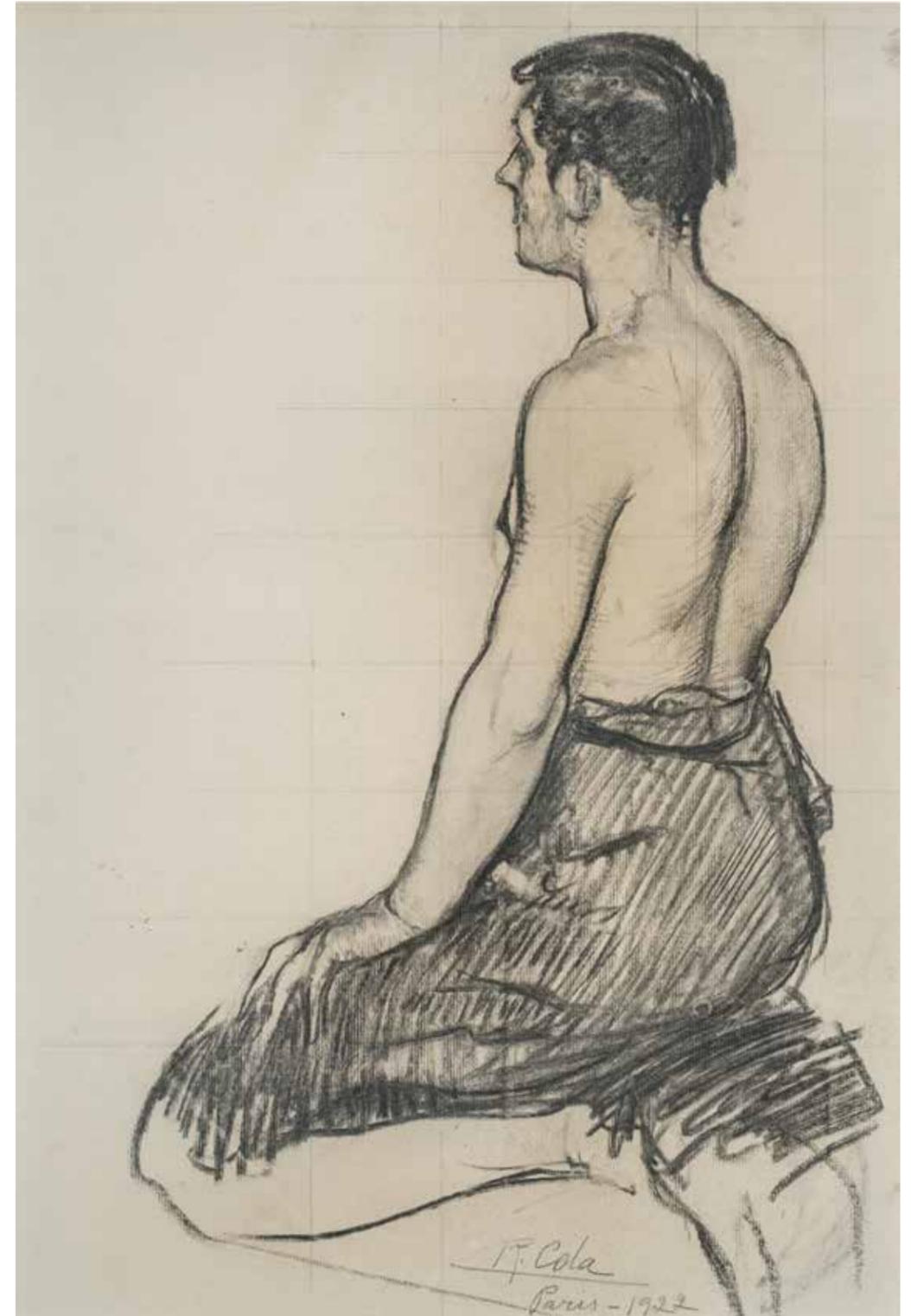
Nu Homem Reclinado, 1922
Crayon sobre papel
42,5 x 57,2 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Nu feminino, 1921
Crayon sobre papel
59 x 43 cm
Museu de Arte da
Universidade Federal
do Ceará
Fortaleza - CE



Nu feminino, 1921
Carvão sobre papel
55,5 x 43,5 cm
Museu de Arte da
Universidade Federal
do Ceará
Fortaleza - CE



Homem Ajoelhado, 1922
Crayon sobre cartão
58,5 x 39,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE

Gravuras 1920/22

Ainda na Europa, Raimundo Cella aprende as técnicas de gravura em metal com Frank Brangwyn. Muito reconhecido, o artista britânico era pintor, desenhista, muralista, gravador, litógrafo, ilustrador e cartazista. Estudar com um mestre tão habilitado garantiu a Cella o domínio de uma técnica complexa e muito pouco ensinada no Brasil.

A gravura em metal é um tipo de trabalho que favorece a linha do desenho e os jogos de luz e sombra, nos quais Cella sempre havia revelado grande domínio. Suas gravuras desse período são densas e marcantes, executadas com absoluta precisão e uma qualidade técnica raramente encontrada entre nossos artistas. O desenho sempre foi a base do seu trabalho e isso pode ser bem observado aqui, nos esboços preparatórios para as gravuras.

Os temas escolhidos por Cella são aspectos da vida popular europeia, os habitantes da cidade, comerciantes, trabalhadores das forjas e das feiras, os mendigos e marginalizados. Essa aproximação do cotidiano o levaria, no seu retorno ao Brasil, a representar o seu próprio povo.





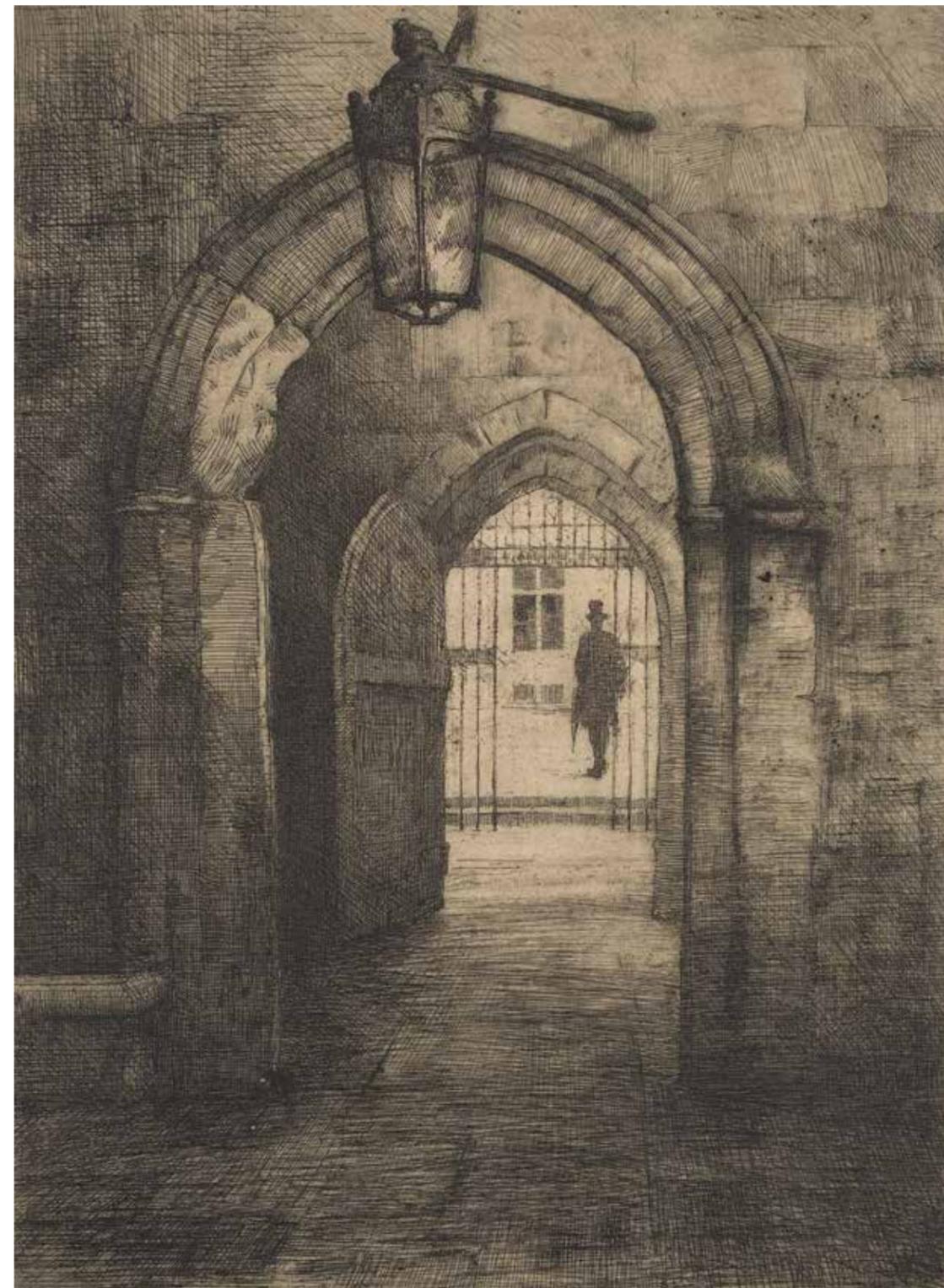
Casas em Saint-Agrève, França, 1921
Grafite sobre papel
25 x 34,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Dia de feira em Saint Agrève, França, c. 1920-22
Água-forte sobre papel
26 x 36,7 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



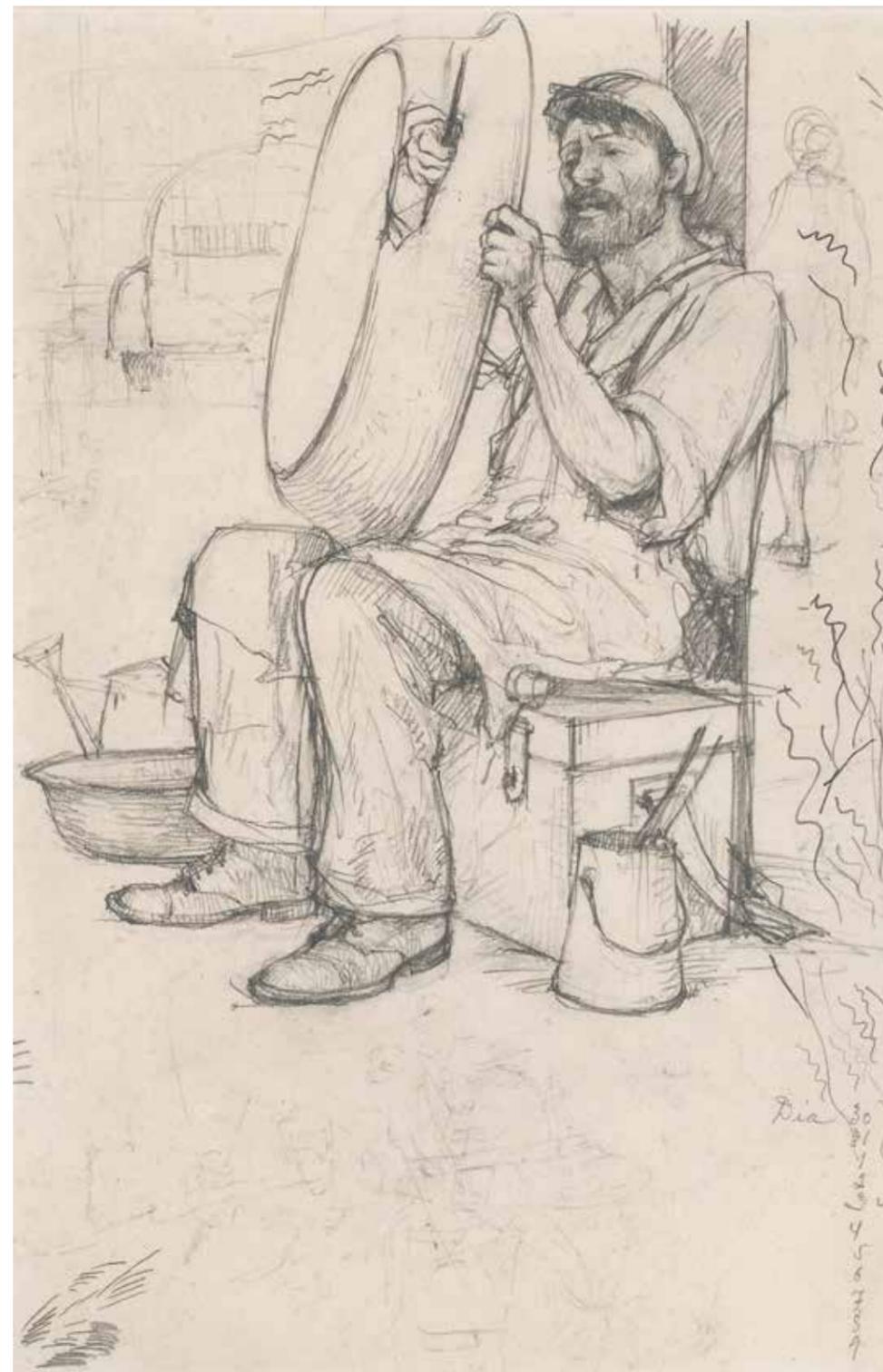
Westminster Abbey, 1920
Lápis sobre papel
35,2 x 25 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Claustro da Abadia de Westminster, Londres, Inglaterra, c. 1920-22
Água-forte sobre papel
32,1 x 24,9 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Uma viela em Roma, 1922
Água-forte sobre papel
33 x 24,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Funileiro, c. 1921
Crayon sobre papel
32 x 21,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para Feira em Saint-Agrève, França, 1921
Crayon sobre papel
25 x 34,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Feira em Saint-Agrève, França, c. 1920-22
Água-forte sobre papel
25,2 x 27,2 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



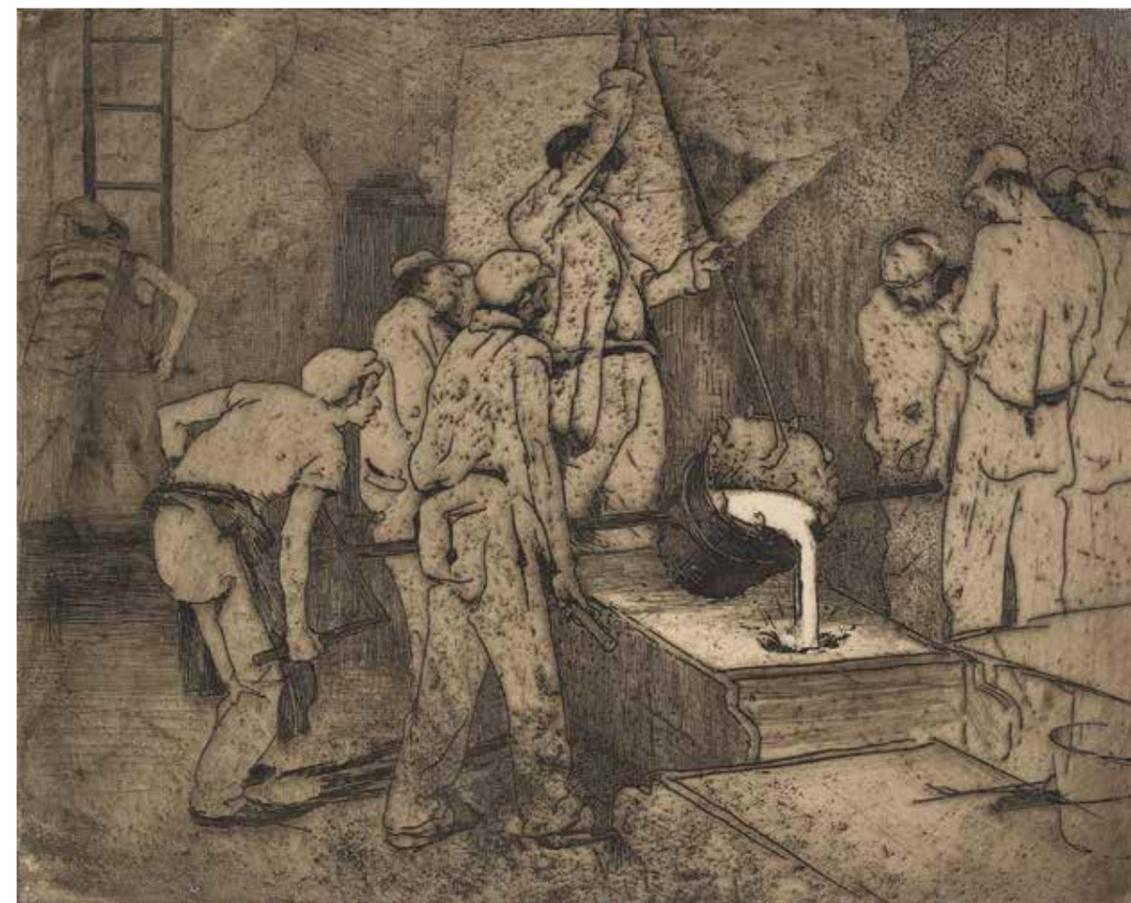
Estudo para "Uma Forja em Saint-Agrève", França, 1921
Crayon sobre papel
25 x 35,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



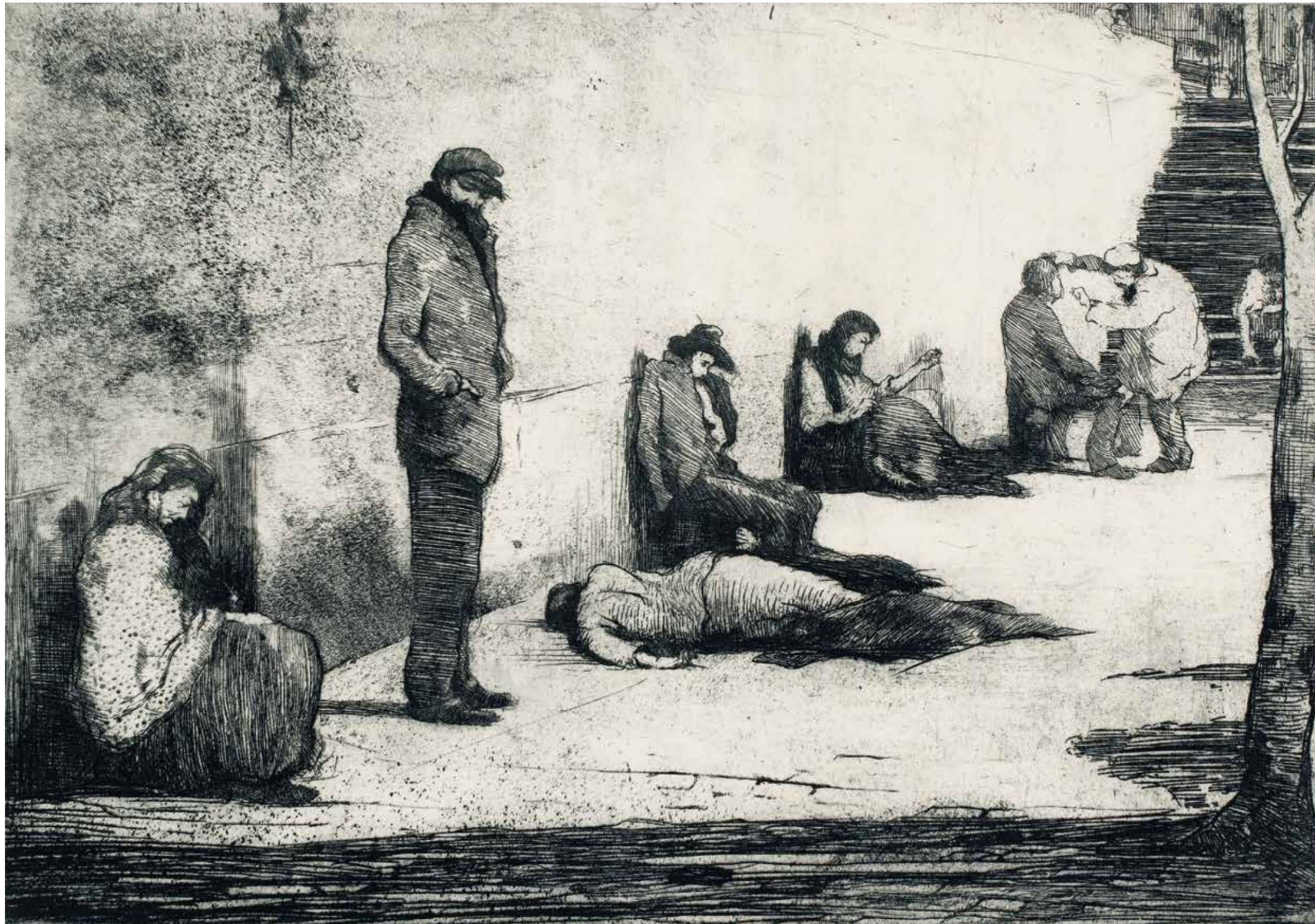
Uma forja em Saint-Agrève, França, c. 1920-22
Água-forte sobre papel
26,1 x 35,7 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Ferreiro, c. 1921
Crayon sobre papel
61 x 40,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Fundição, c. 1920-22
Água-forte sobre papel
28,4 x 34,4 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



A margem do Sena,
Paris, França, c. 1920-22
Água-forte e água-tinta
sobre papel
28,2 x 40,5 cm
Museu de Arte da Universidade
Federal do Ceará
Fortaleza - CE

O Painel da Abolição - 1938

Quando Raimundo Cela ganhou o Prêmio de Viagem ao Exterior, o Governo do Estado do Ceará manifestou interesse em adquirir a obra que o consagrou. Isto não foi possível, uma vez que todas as obras premiadas passavam a integrar o acervo do ENBA, conforme estipulado no regulamento do concurso. Cela propôs então produzir, enquanto estivesse na Europa, uma obra com tema histórico brasileiro, o que não aconteceu devido à enfermidade que o acometeu.

Em 1938, dezesseis anos após seu retorno ao Brasil, Raimundo Cela executou a obra *A Abolição dos Escravos* para o Palácio da Luz, cumprindo a promessa de realizar uma obra para a sede do Governo do Estado. Em 1975, o edifício foi transformado em Casa de Cultura Raimundo Cela, e atualmente, abriga a Academia Cearense de Letras. Devido às grandes dimensões da obra, e impossibilidade de remoção, ela permanece instalada no mesmo edifício.

A Abolição dos Escravos retrata um importante tema da história cearense. Em 25 de março de 1884 a Província do Ceará foi a primeira a abolir a escravidão em seu território, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea. A obra é uma alegoria a esse acontecimento. Em tons rosa-mate a pintura retrata os escravos recebendo uma dádiva da figura feminina sobre a jangada – a própria Liberdade. Alguns importantes líderes e intelectuais cearenses estão nela retratados, como Francisco José do Nascimento, conhecido como o Dragão do Mar, José do Patrocínio, João Cordeiro, Isac Amaral e Maria Tomásia.



Abolição dos escravos, 1938
Óleo sobre tela
225 x 392 cm
Academia Cearense de Letras
Fortaleza - CE

O Dragão do Mar - 1884

Francisco José do Nascimento (1839-1914), conhecido como Chico da Matilde (em referência à sua mãe) foi um dos principais líderes na luta abolicionista cearense. Ele era o prático da Capitania dos Portos de Fortaleza, responsável por auxiliar os navegantes na aproximação ao cais. O porto da cidade não tinha profundidade suficiente para os navios atracarem, e por isso eles ficavam fundeados ao largo e era necessário fazer o transporte por jangada até as embarcações.

Naquele período muitos escravos nascidos no Nordeste eram vendidos para o Sudeste, sendo Fortaleza um dos principais pontos de embarque. Aproveitando sua posição estratégica Chico da Matilde liderou uma greve, em 1881, na qual os jangadeiros se negaram a transportar os escravos, fechando o Porto de Fortaleza para o embarque nos navios negreiros.

Com essa ação o movimento abolicionista ganhou força, e em 25 de março de 1884 foi abolida a escravidão no Ceará. O apelido Dragão do Mar surgiu após a sua viagem ao Rio de Janeiro, em 1884, para participar das festas em comemoração à essa vitória.

O documentário *Dragão do Mar*, realizado pela TV Assembleia do Ceará, foi apresentado na exposição e conta essa história detalhadamente.

Dragão do Mar e a História da Abolição no Ceará, 2014
Duração 43''02'
Produção: TV Assembleia - Ceará

De l'Empire de Napoléon à la République



Oficinas - 1929/33

Na sua volta ao país, Cella fica sete anos sem pintar. Quando retoma a pintura são os trabalhadores populares que despertam sua atenção.

Saída da oficina de 1929, apresentada na exposição, é uma das primeiras obras conhecidas do seu retorno, na qual vemos um grupo de trabalhadores no final do expediente. Com uma pincelada mais solta e gestual, a luz intensa do Ceará começa a aparecer e a moldar seu estilo.

Na aquarela *Oficina*, de 1933, Cella reafirma seu talento na composição e no trabalho de perspectiva da arquitetura, criado através da sugestão das roldanas no teto. As figuras são menos delineadas, vibram nessa luz quase impressionista que entra na cena pela grande janela ao fundo.



Oficina, 1933
Aquarela sobre papel
33 x 48,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Saída da oficina, 1929
Óleo sobre madeira
33 x 40 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE

Catequese

Catequese é uma obra singular na produção de Raimundo Cella. Não há consenso sobre a datação desta pintura de caráter histórico, mas a tradição estima sua produção no início dos anos 1930. Se levarmos em consideração a grande dimensão da tela e a escolha de um tema indianista – tão apreciado pela Academia -, podemos supor que tratava-se de uma encomenda, talvez a primeira tentativa de executar a pintura prometida ao Governo do Estado, desde a época de sua premiação na ENBA. Corroborando esta hipótese, o primeiro registro que encontramos deste trabalho indica que a obra integrava originalmente a coleção do Palácio da Luz, assim como a Abolição dos Escravos.

Catequese retrata um padre jesuíta cercado por jovens índios, numa tentativa de aproximação e conversão religiosa. A composição das figuras guarda certa semelhança com o “Último Diálogo de Sócrates”, e parece resgatar os ensinamentos do período em que frequentou a Escola Nacional de Belas Artes, porém a fatura já mostra os ensinamentos da França e beira o Impressionismo. Além disso, segundo aponta o pesquisador Delano Pessoa, esta é a primeira obra na qual Cella integra a paisagem litorânea, e na qual introduz uma paleta de cores mais variada e repleta de nuances que, ao longo dos anos, desenvolverá.

O tema tem pouca familiaridade com o artista, que rapidamente se volta às personagens que cercam seu dia a dia, como o vaqueiro e o jangadeiro.



Catequese, s/d
Óleo sobre tela
190 x 200 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE

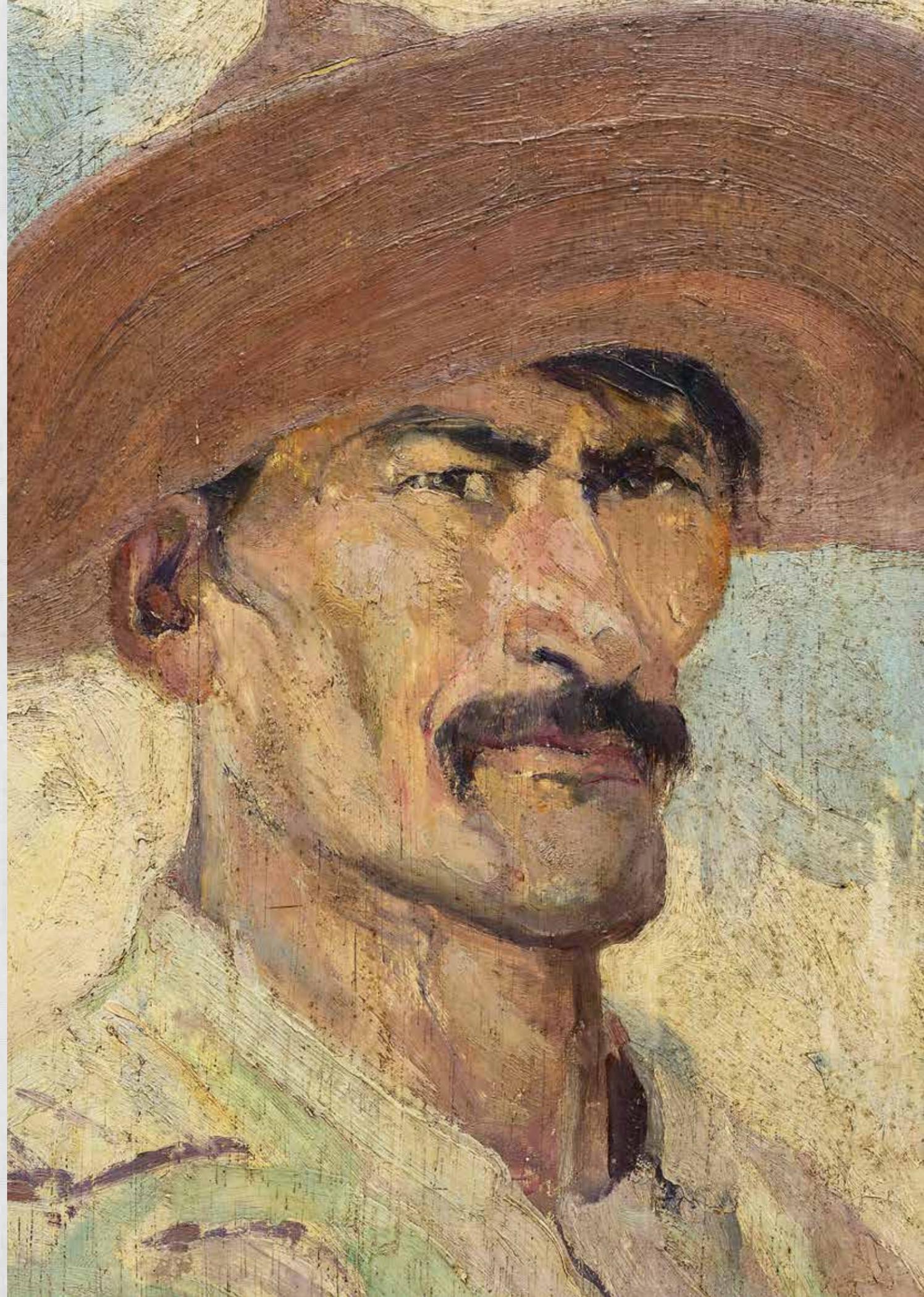


No Ceará é Assim... 1929 / 1945

O pai de Raimundo Cella falece logo após o seu retorno ao Brasil. O artista decide se instalar em Camocim para ficar próximo à família. Ele ainda sofria sequelas do AVC, o que o manteve afastado da pintura por algum tempo, trabalhando como engenheiro.

No seu reencontro com a pintura, no final da década de 1920, vai se interessar principalmente pela deslumbrante paisagem litorânea do Ceará e pelos tipos locais. Sem abandonar seus anos de treinamento acadêmico, Cella desenhava ao ar livre, observando as cores e a luz local, mas realizava a composição e a pintura em ateliê. Da paisagem lhe interessavam principalmente as cenas da praia e do mar, as embarcações, as pequenas casas e os trabalhadores. Predominam em sua pintura as pessoas do povo, personagens anônimas que sintetizam os habitantes do litoral. Nesse primeiro momento os estudos são basicamente dedicados à cabeça, colocando em evidência as feições e expressões, formatos do rosto e suas proporções. Ao longo da década de 1940, as composições passaram a retratar os trabalhadores litorâneos em ação.

Cella nunca se interessou pela pintura de retratos de personalidades importantes. Além de alguns poucos retratos de sua família e de amigos, são conhecidos apenas um autorretrato em desenho, alguns estudos acadêmicos e a série de cabeças de tipos cearenses aqui apresentada.





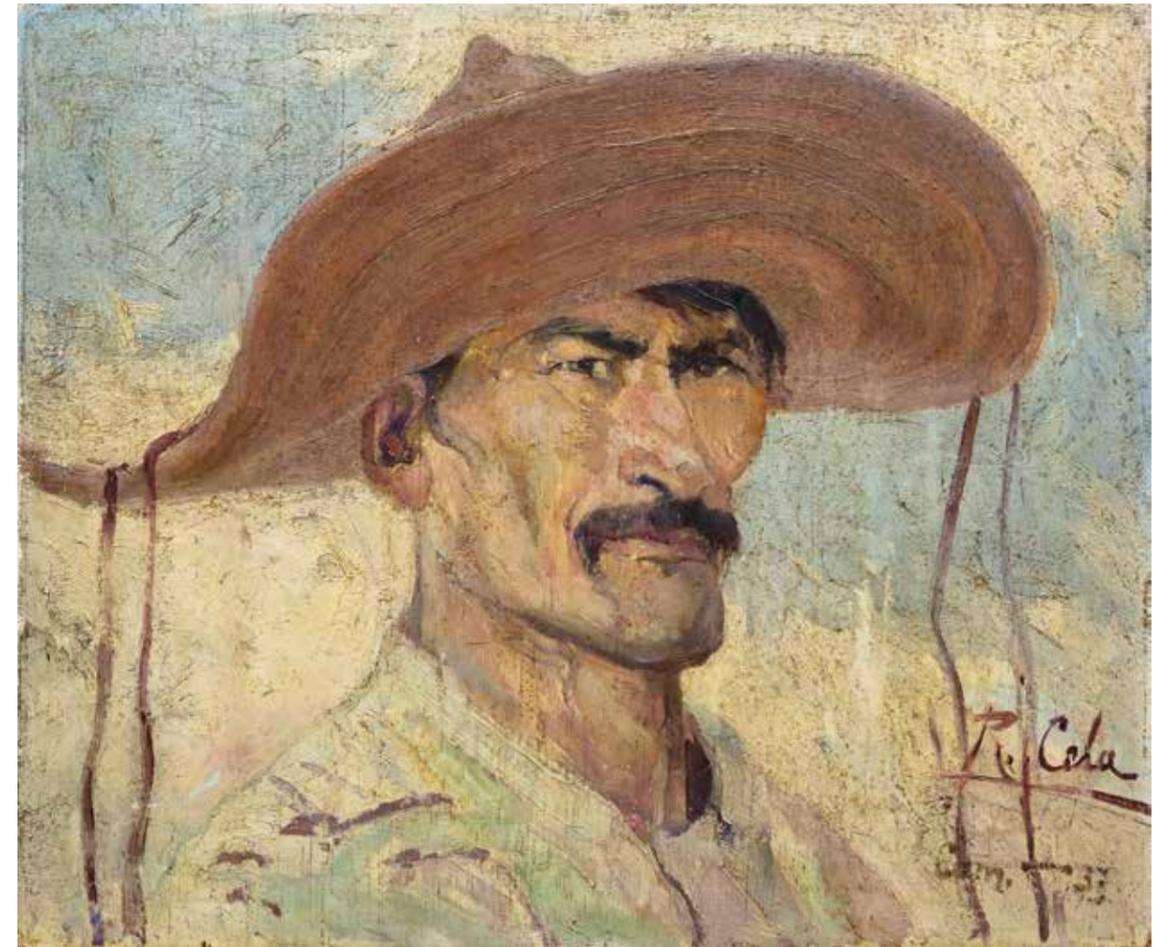
Cabeça de Homem, 1933
Aquarela sobre papel
33 x 40 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Cabeça de Homem, 1931
Óleo sobre madeira
33 x 37,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Cabeça de vaqueiro, 1934
Aquarela sobre papel
37 x 48 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



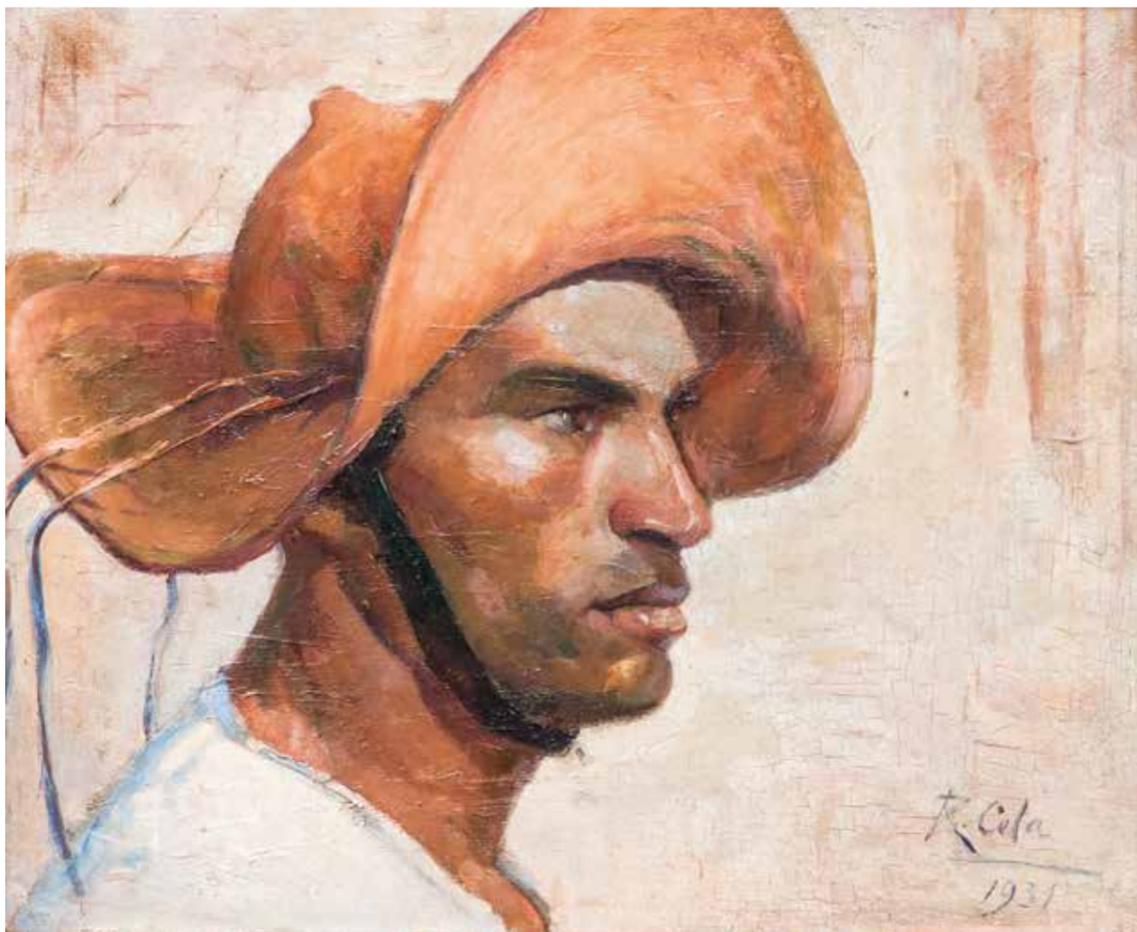
Cabeça de vaqueiro, 1933
Óleo sobre madeira
38 x 46 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



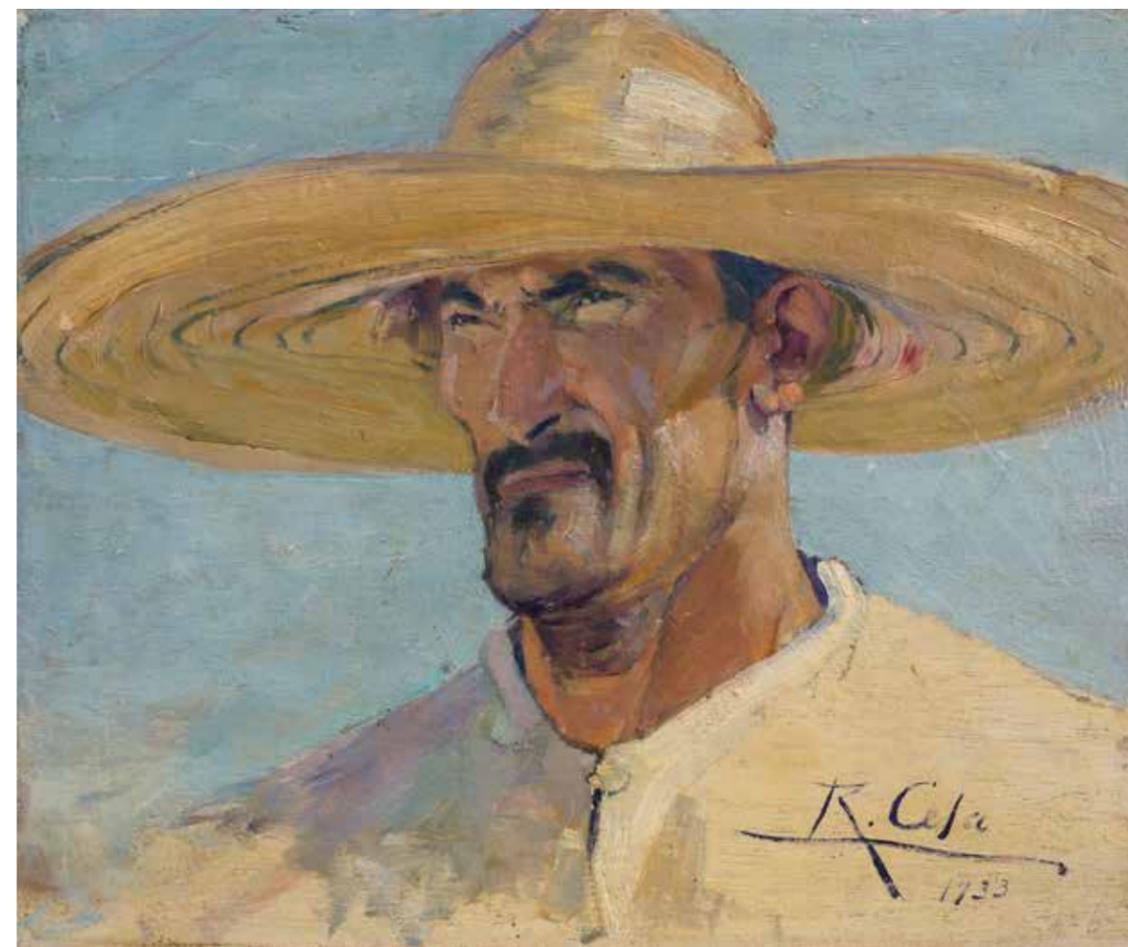
Rendeira, 1931
Óleo sobre madeira
32 x 40,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Cabeça de Preta Velha, 1943
Óleo sobre tela
37,5 x 38 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Cabeça de vaqueiro, 1931
Óleo sobre madeira
37,5 x 46 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Cabeça de Jangadeiro, 1933
Óleo sobre madeira
38 x 46 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Sem título, s/d
Aquarela sobre papel
34 x 48 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Aldeia de Pescadores, 1943
Óleo sobre madeira
62 x 86 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, c. 1947
Óleo sobre madeira
66 x 100 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Praia em Camocim, CE, 1932
Óleo sobre tela
58 x 82 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



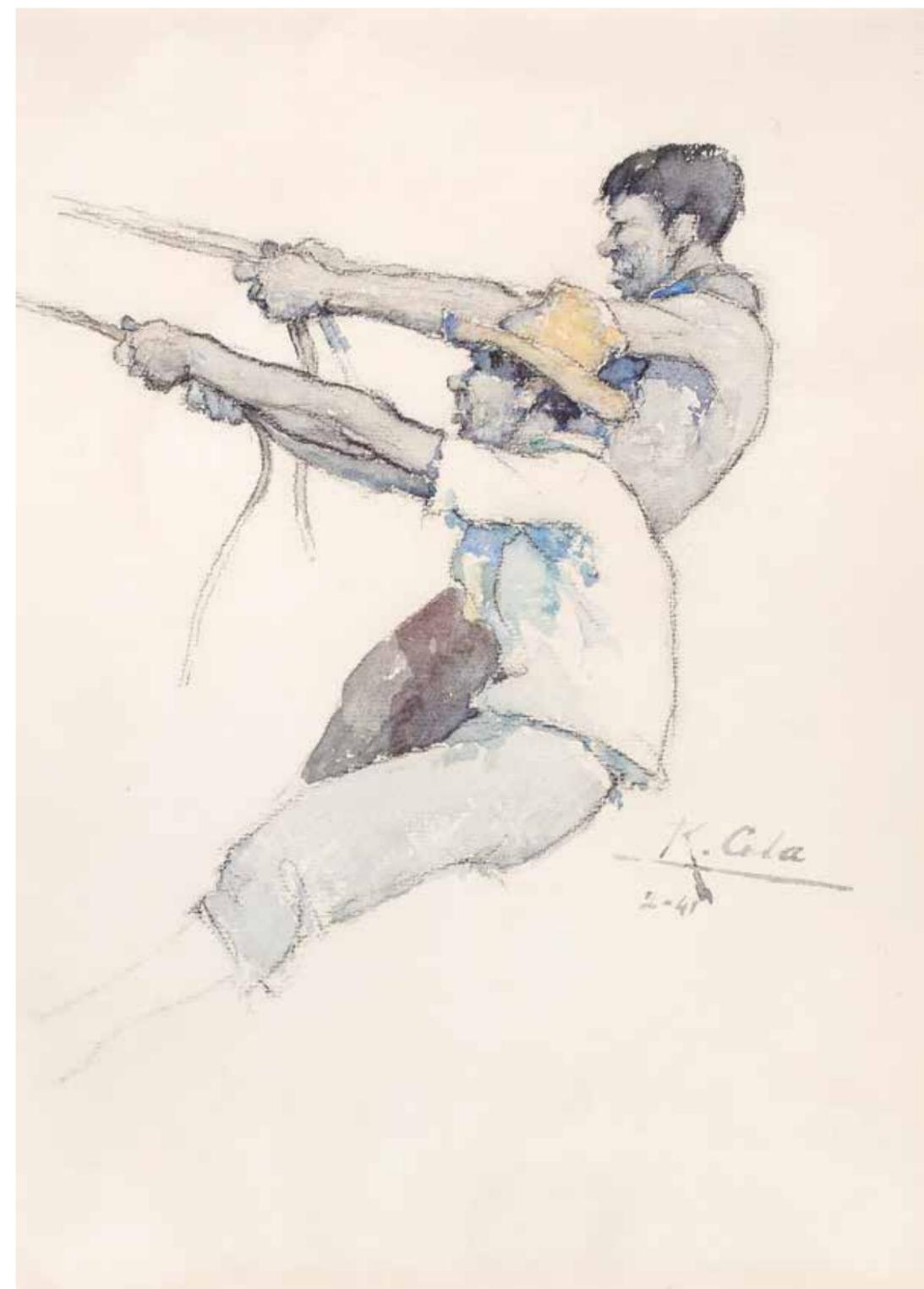
Jangadeiro com leme, 1942
Óleo sobre tela
76 x 90,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Fitando o mar, 1943
Óleo sobre madeira
75,5 x 62,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangadeiro cearense, c. 1944
Aquarela e grafite sobre papel
37,5 x 24 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Sem título, 1941
Aquarela sobre papel
36 x 26 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE





Trabalhadores do Mar - 1938/45

*Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?*
Juvenal Galeno

Em 1938, Cella muda-se para Fortaleza. As canoas de Camocim e o mar calmo o encantavam, mas o encontro com as jangadas e o mar bravio abre para ele um novo caminho; a possibilidade de reunir tudo o que havia pesquisado até então. Sua obra dá um salto!

Há nesse momento uma junção de temáticas que já eram caras ao artista como o trabalhador e a paisagem litorânea, mas agora elas aparecem numa nova chave. O homem rude e forte que enfrenta o mar e o ar, na sua frágil embarcação com asas de pássaro, interage com a cor e da luz das praias do Ceará. Há também uma superposição de técnicas: o desenho registrando os corpos em movimento, cada músculo retesado na luta contra a natureza, enquanto que a pintura, de rápidas pinceladas, estiliza a cor. E, finalmente, consuma-se a fusão do artista com o engenheiro, e, as composições, cuidadosamente construídas, onde nada é acaso, são plenas de ritmo e emoção.

Cella descarta a representação do nordestino como o sertanejo retirante, miserável e faminto, para mostrar um trabalhador forte e decidido. Sua obra cria uma nova visualidade para o cearense, e, não por acaso, ele torna-se conhecido como o Pintor do Nordeste.





Jangada na areia, c. 1940
Óleo sobre madeira
71 x 90 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangadeiros empurram jangada para o mar, 1940
Óleo sobre tela
48 x 65 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangada rolando
para o mar, 1941
Óleo sobre tela
89,5 x 130,2 cm
Museu Nacional de
Belas Artes
Rio de Janeiro - RJ



Jangada entrando no mar, 1940
Óleo sobre tela
60 x 70 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangada no mar, 1940
Óleo sobre tela
47 x 58 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



A arrebenção, 1942
Óleo sobre madeira
85 x 120 cm
Banco do Nordeste do Brasil
Fortaleza - CE



Vencendo o escarcéu, 1942
Óleo sobre madeira
86 x 110 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE
Pequena Medalha de Ouro
IX Salão Paulista de Belas Artes



A virada, 1943
Óleo sobre madeira
99 x 132 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Rolando para a Terra, 1946
Óleo sobre tela
89 x 131 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Jangada voltando do mar, c. 1944
Óleo sobre madeira
96 x 136 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangadeiro
arrastando poita,
c. 1944
Aquarela sobre
papel,
25,5 x 34,5 cm
Governo do
Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Jangadeiro, c. 1944
Aquarela sobre papel
37 x 27,5 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



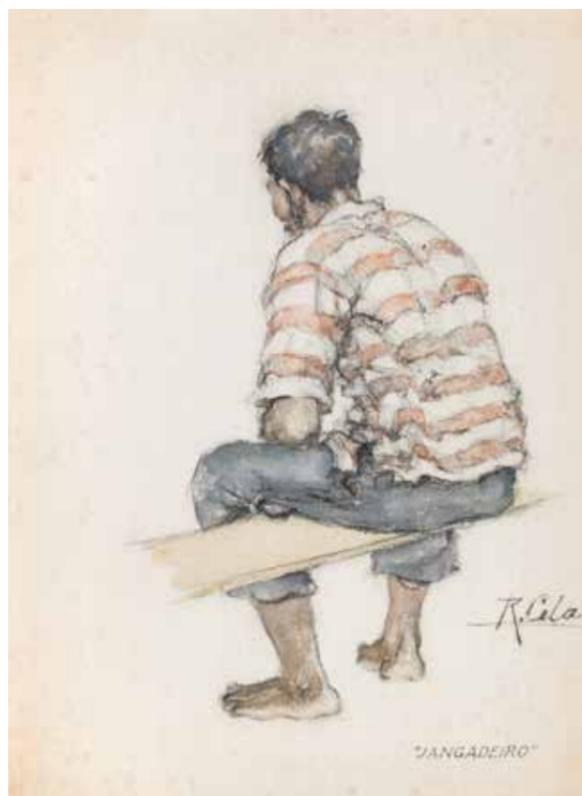
Jangadeiro cearense, c. 1944
Aquarela sobre papel
42,5 x 30,5 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Jangadeiro cearense, 1944
Aquarela e grafite sobre papel
24,7 x 34,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Mulher com peixe, c. 1944
Aquarela sobre papel
38,5 x 30 cm
Governo do Estado
do Ceará
Fortaleza - CE



Jangadeiro, c. 1944
Aquarela sobre papel
34,5 x 27,5 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Sem título, s/d
Aquarela sobre papel
30 x 20 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangadeiros em palestra, 1943
Óleo sobre madeira
110 x 157 cm
Banco do Nordeste do Brasil
Fortaleza - CE

O Desenho como Base

Na Escola Nacional de Belas Artes era grande a importância atribuída ao ensino do desenho, ao longo de todo o curso, especialmente ao desenho figurado e de modelo-vivo. Seguindo a tradição francesa, a ENBA defendia o primado do desenho em oposição à cor.

Herdeiro dessa postura, Raimundo Cella tinha no desenho a base e a estrutura de sua produção artística. O artista fazia inúmeros estudos de cada personagem e de seus diferentes movimentos, para criar composições harmoniosas, nas quais cada elemento do quadro era pensado e elaborado minuciosamente. Seu processo de trabalho incluía, com frequência, a realização de diversos desenhos para o estudo da forma, e de aquarelas para o estudo da cor, até chegar ao resultado final, a pintura a óleo.

Estão reunidos aqui alguns desses desenhos preparatórios para as obras *A Virada* e *Jangadeiros em Palestra* nos quais podemos observar de perto a construção do processo criativo do artista.





Estudo para "A Virada", 1943
Crayon sobre papel
21 x 31 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "A virada", 1943
Grafite sobre papel
21 x 31 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "A Virada", 1943
Grafite sobre papel
21 x 31 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "A virada", 1943
Grafite sobre papel
21 x 31 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para
"A virada", 1943
Grafite sobre papel
21 x 31 cm
Museu de Arte da
Universidade Federal
do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", 1943
Grafite sobre papel
22 x 33 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", c. 1943
Grafite sobre papel
33 x 22 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", 1943
Grafite sobre papel
20 x 29 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", 1943
Grafite sobre papel
23 x 31,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", 1943
Grafite sobre papel
23 x 31,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Jangadeiros em palestra", 1943
Crayon sobre papel
21 x 30,5 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo de figura humana
- Jangadeiros, 1942
Grafite sobre papel
23,5 x 32,2 cm
Museu de Arte da
Universidade
Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Pescador com samburá, 1943
grafite sobre papel
13,5 x 29,5 cm
Museu de Arte da Universidade
Federal
do Ceará
Fortaleza - CE



Pescadores empurrando
jangada, 1944
grafite sobre papel
22 x 31,5 cm
Museu de Arte
da Universidade
Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo de pescador
com samburá, 1942
grafite sobre papel
20,5 x 30 cm
Museu de Arte da
Universidade Federal
do Ceará
Fortaleza - CE



Mulher com sacola, c. 1944
Aquarela sobre papel
38 x 27 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



**Mulher sentada
com criança, c. 1944**
Aquarela sobre papel
31,5 x 25 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Sem título, 1941
Aquarela sobre papel
24 x 31 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE

Chico Albuquerque 1942 / 1952

No início da década de 1940, quatro jangadeiros cearenses, chefiados por Manuel Olímpio Meira, o *Jacaré*, foram de Fortaleza ao Rio de Janeiro de jangada, para relatar ao presidente Getúlio Vargas as condições de vida dos trabalhadores do mar e reivindicar o reconhecimento da profissão.

A saga, conhecida como o *Raid da Jangada São Pedro*, encantou o cineasta norte-americano Orson Welles (1915-1985) que resolveu fazer dela uma parte do filme/documentário *It's All True* que preparava no Brasil. As filmagens tiveram início em Fortaleza, em 1942, e o diretor tinha como parceiro o jovem fotógrafo cearense Chico Albuquerque (1917-2000). As filmagens foram bastante difíceis e, na reencenação da viagem dos jangadeiros, *Jacaré* faleceu num trágico acidente na Baía de Guanabara. Desolado Welles deixou o filme inacabado. As fotos das filmagens, realizadas por Albuquerque, permitem ver o quão jovem era o diretor e deixam perceber as dificuldades do projeto.

Em 1980, foram localizados vários rolos da filmagem, até então dados como perdidos, e, em 1993, os diretores Richard Wilson, Bill Krohn and Myron Meisel, lançaram, a partir desse material, um documentário relatando a história de Welles. Os trechos apresentados na exposição, foram extraídos desse filme.

Em 1952, Chico Albuquerque, já um fotógrafo famoso, realizou um ensaio fotográfico intitulado *Mucuripe*, no qual vemos em registro real as mesmas imagens que o olhar pictórico de Cella captou.

Chico Albuquerque
Série "Mucuripe", 1952
Fotografia
40 x 56 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE





Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
61 x 41 cm
Tiragem 1/5
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
61 x 41 cm
Tiragem 1/5
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
61 x 41 cm
Tiragem 1/5
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
47 x 39 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
58 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
58 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
61 x 41 cm
Tiragem 1/5
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
58 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Orson Welles", 1942
Fotografia
61 x 41 cm
Tiragem 1/5
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Mucuripe", 1952
Fotografia
40 x 56 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Mucuripe", 1952
Fotografia
40 x 56 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE



Chico Albuquerque
Série "Mucuripe", 1952
Fotografia
40 x 56 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE

Gravuras Brasileiras 1922/52

A produção gráfica de Raimundo Cela, no seu retorno ao país, é considerada extraordinária entre estudiosos da área, tanto pela primorosa execução, quanto pela temática brasileira, permeada de um misto de encanto e melancolia.

O crítico e artista Adir Botelho, analisando as gravuras produzidas no período, que se estende de 1923 a 1952, destaca algumas peças que estão aqui apresentadas. Ele considera o *Bumba-meu-boi* um trabalho de magnífico impacto visual e uma obra-mestra da gravura brasileira. Em *Retirantes*, ele vê uma rara e expressiva imagem, repleta de calor humano, na qual homem e mulher contemplam a embarcação que se distancia, divididos “entre ir embora para muito longe, ou ficar levando a vida como Deus quer”. Em *Jangadas para o Mar*, Botelho observa que Cela, aplica a lixa sobre o verniz, na preparação da gravura, de modo a criar uma textura de areia em todo o trabalho.

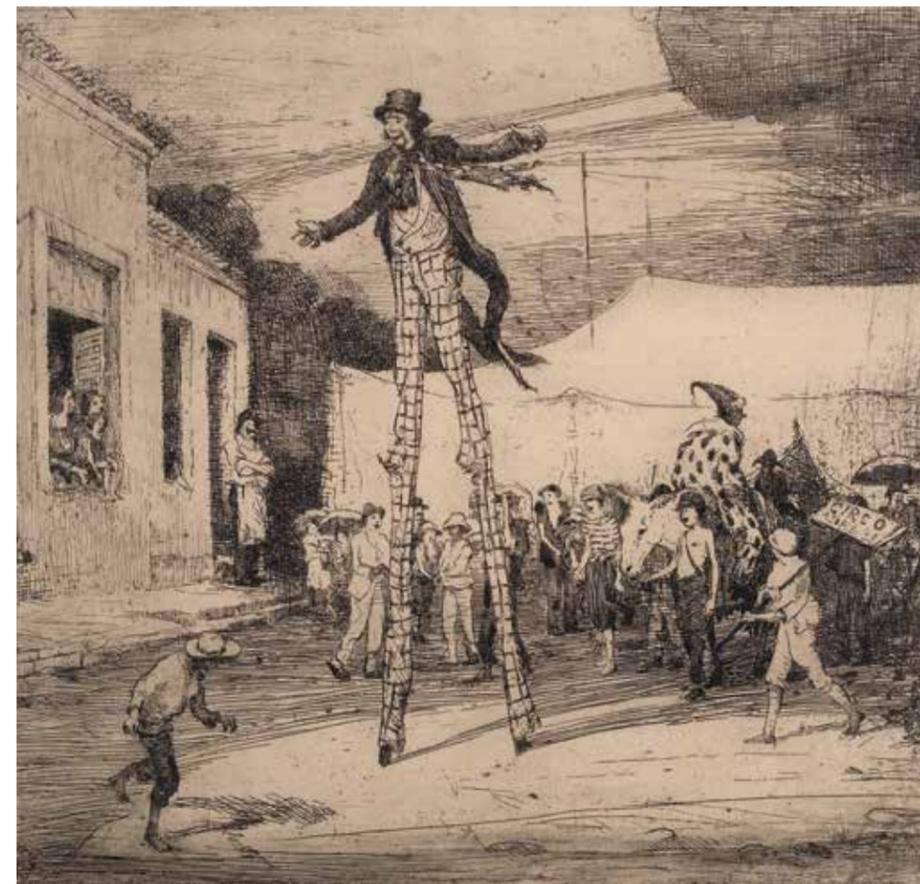
Jangadeiro Cearense é, para o crítico, uma imagem animada de incontestável vigor plástico: “plantado na praia, em toda a sua firmeza de mastro, o jangadeiro é a imagem que todos guardamos do Ceará, sobranceiro a todas as adversidades da vida e do clima, o Ceará franco e destemeroso, que, como no verso do poeta ‘olha de frente o sol, como um touro selvagem’”.



Jangadeiro cearense, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
41 x 31 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Bumba-meu-boi, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
31,5 x 41,8 cm
Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro - RJ



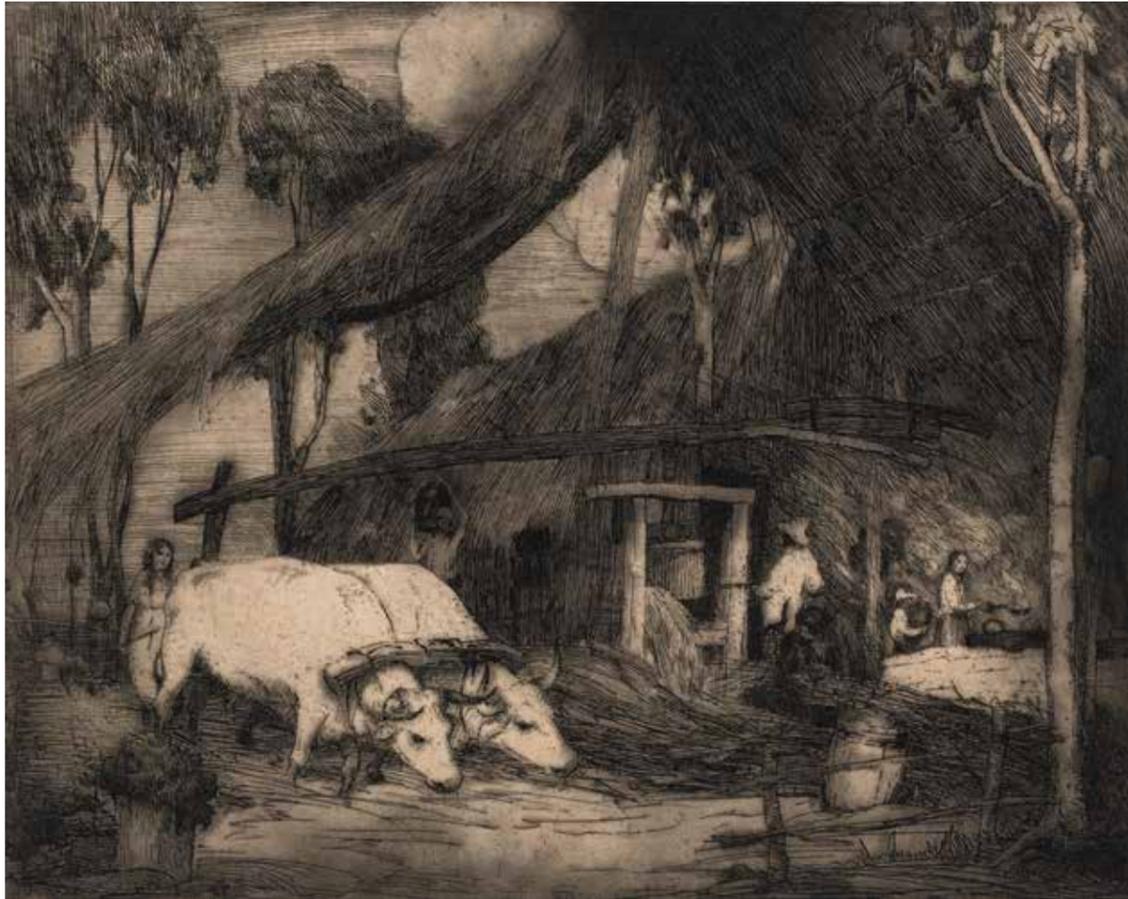
Anúncio do circo, c. 1923-1952
Água-forte sobre papel
31,4 x 34 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Retirante, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
38,5 x 29 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "Retirantes", c. 1930
Nanquim sobre papel
35 x 26 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Engenho, Serra da Ibiapaba, CE, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
35 x 44,9 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Casa do vaqueiro, Ceará, c. 1923-52
Água-forte e ponta seca sobre papel
32,2 x 43,1 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangadas para o mar, Ceará, c. 1923-52
Água-forte e água-tinta sobre papel
34 x 41 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
25,5 x 36,5 cm
Museu Nacional de Belas Artes
Rio de Janeiro - RJ



Estudo de cabeça, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
19,5 x 18 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Porto de São Salvador, BA, c. 1923-52
Água-forte sobre papel
16 x 23 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE

Ainda o Ceará...



Atirando a rede, 1944
Óleo sobre madeira
92 x 120 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



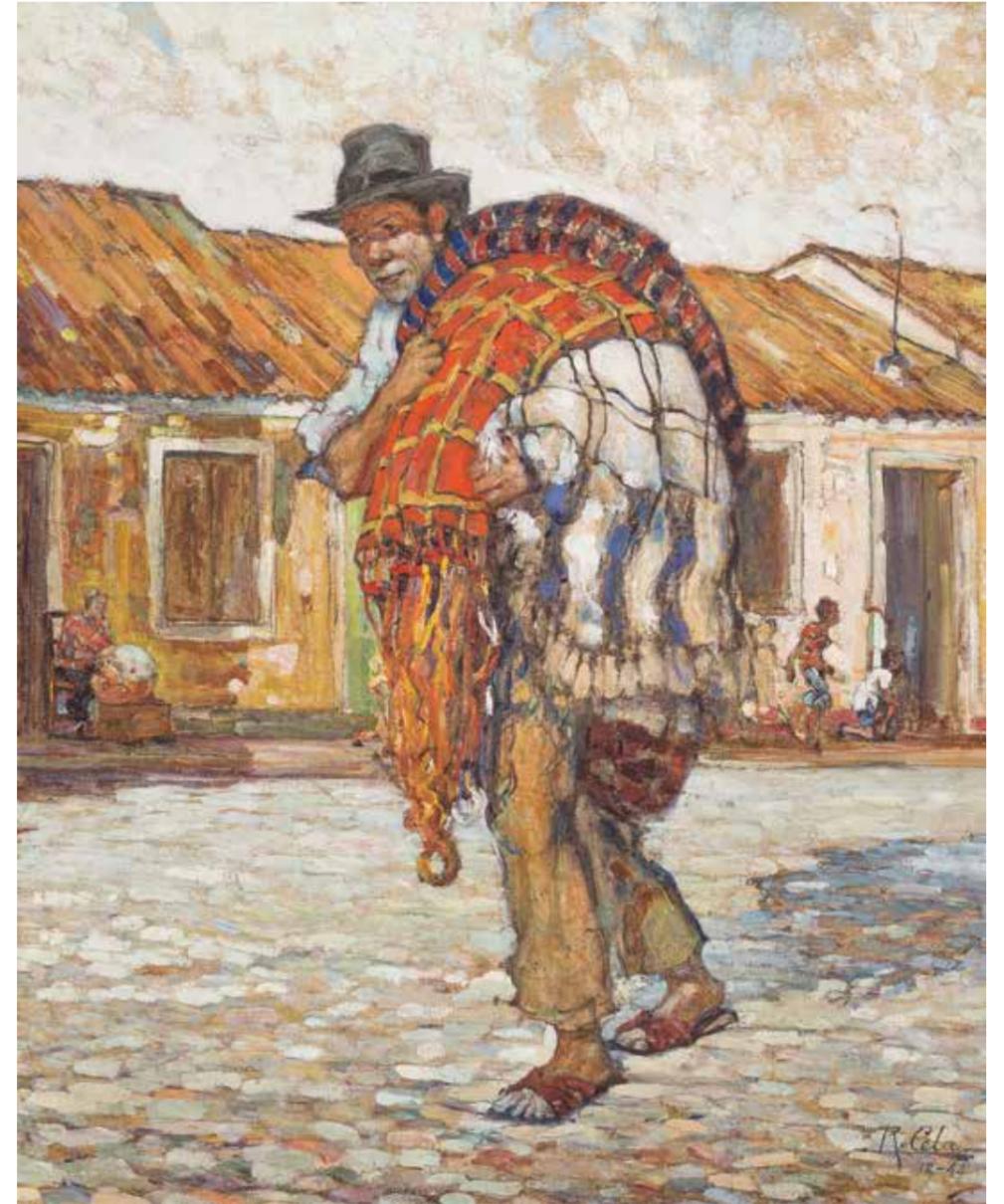
Sem título, 1944
Óleo sobre madeira
70 x 90 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Labirinteira do
Ceará, 1945
Óleo sobre tela
80 x 104 cm
Coleção Particular
São Paulo - SP



Vendedor de cerâmicas, 1944
Óleo sobre madeira
83 x 105 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Vendedor de redes, 1944
Óleo sobre madeira
90 x 74 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE

Rio de Janeiro 1945/54

No seu regresso ao Rio de Janeiro, em 1945, Raimundo Cela volta a participar de exposições e salões no eixo Rio/São Paulo. O artista promissor, que chegara a ser dado como morto pela ausência de notícias, retorna de forma triunfante, e sua obra conquista o espaço e o reconhecimento merecidos. Nesse mesmo ano, ele recebe a medalha de ouro no L Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Repetindo o feito obtém, em 1947, as medalhas de ouro em gravura e em pintura no LII Salão Nacional de Belas Artes. Realiza diversas exposições individuais, é premiado com a Pequena Medalha de Ouro no IX Salão Paulista de Belas Artes, em São Paulo, e recebe o Prêmio Antônio Parreiras em pintura, no VII Salão Fluminense de Belas Artes de Niterói.

Cela retoma também sua atividade como professor de desenho, assumindo, em 1948, a cadeira de Modelo Vivo e Desenho Figurado na Escola Fluminense de Belas Artes de Niterói. Em 1949 concorre a cadeira de Geometria Descritiva na ENBA, para a qual publica sua tese *Perspectiva das Sombras Solares* em que analisa seus estudos para a pintura *Jangadeiros em Palestra*. Em 1950 é aprovado com unanimidade para o cargo de professor de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes, passando assim a figurar entre os mestres que o formaram. Assume o cargo em 1951, lecionando até 1954, o ano de sua morte.

O Rio de Janeiro altera de forma sensível sua pintura, Cela captura uma luminosidade inteiramente diferente, as personagens refletem tipos locais e as cenas urbanas retornam à sua obra.

Saudoso de sua terra, Cela continua a pintar lembranças do Ceará.





Consertando a rede, Canto do Rio, Niterói, RJ, 1947

Óleo sobre tela

60 x 81 cm

Museu Nacional de Belas Artes

Rio de Janeiro - RJ



Consertando o arrastão, Canto do Rio, Niterói, RJ, 1947

Óleo sobre madeira

62 x 83 cm

Governo do Estado do Ceará

Fortaleza - CE



Estudo para
"Consertando o
arrastão", 1947
Aquarela sobre papel
23 x 29 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



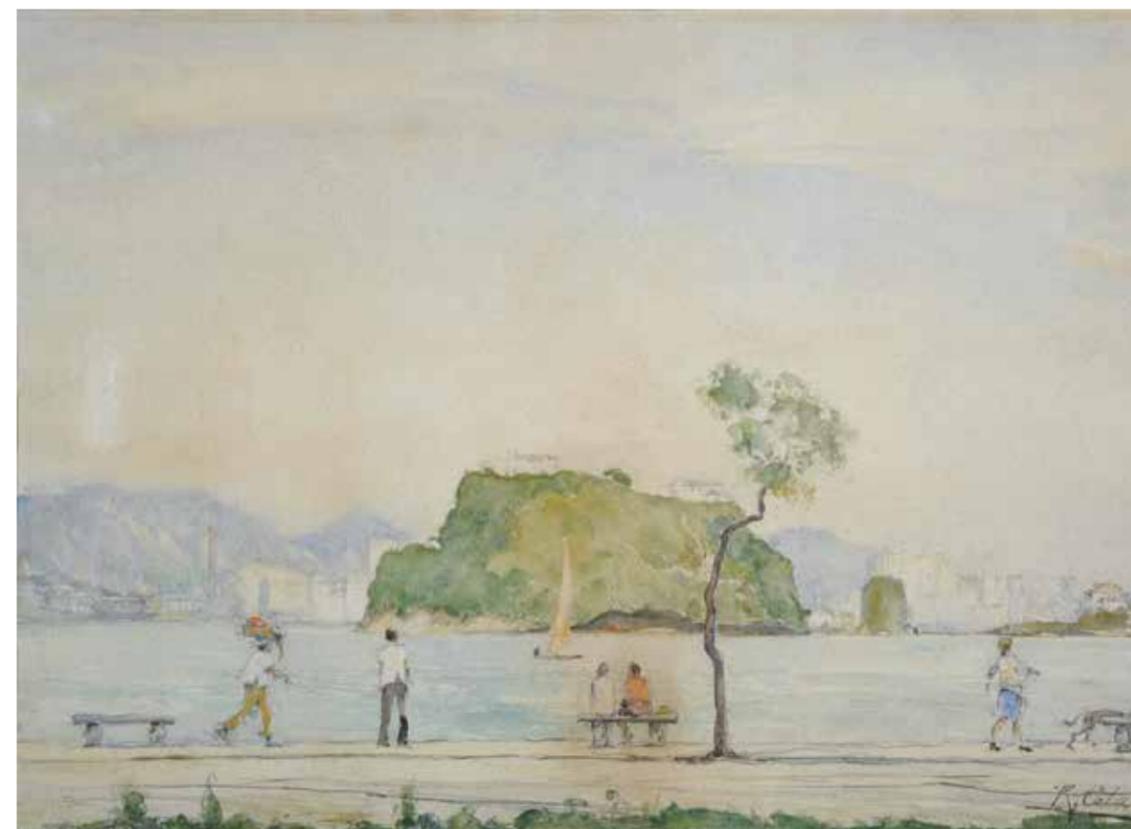
Peixeiro do Canto
do Rio, Niterói, RJ,
c. 1944
Aquarela sobre papel
21 x 27 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Sem título, s/d
Aquarela sobre papel
25 x 31 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Marinha, Niterói, RJ, c. 1947
Aquarela sobre papel
31 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Ilha da Boa Viagem, Niterói, RJ, c. 1947
Aquarela sobre papel
41 x 57 cm
Banco do Nordeste do Brasil
Fortaleza - CE

A Venda do Peixe - 1947

Distante das jangadas do Ceará, Cella continua a retratar os trabalhadores do mar. Vivendo em Niterói, até hoje um ponto de abastecimento de pescados, o artista pinta a impactante obra *A Venda do Peixe*, na qual os pescadores e o comércio de seu produto ganham protagonismo. O artista condensa de forma primorosa esses novos elementos. Sob uma luz difusa, os vendedores se aglomeram com suas cestas, anunciando a pesca recém-chegada. Compradores olham para elas com desconfiança, para melhor barganhar preços. A cena pulsante tem um toque oriental. Cella dá destaque às roupas e ao gestual dos personagens, que são apresentados numa atitude muito mais descontraída e leve, sensivelmente diferente do comportamento rijo dos jangadeiros. Num toque audacioso o artista coloca em primeiro plano uma sombra de algo que não se vê. Ao fundo, a paisagem marcante da Baía de Guanabara.



**A venda do peixe, Canto do Rio,
Niterói, RJ, 1947**
Óleo sobre tela
121 x 163 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Estudo para "A venda do peixe", 1944
Aquarela sobre papel
38 x 28 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Estudo para "A venda do peixe", 1944
Aquarela sobre papel
40,5 x 30,5 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Paisagem, 1942
Aquarela e grafite sobre papel
36,5 x 49,5 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Ribanceira, 1944
Óleo sobre madeira
80 x 110 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Paisagem Urbana, c. 1954
Aquarela sobre papel
63,5 x 47 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Duas épocas, Rio de Janeiro, RJ, 1954
Óleo sobre madeira
100 x 130 cm
Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
Fortaleza - CE



Pinturas brancas

Entre 1936 e 1944 Raimundo Cella produz uma série de obras monocromáticas e evanescentes nas quais funde céu, areia e mar. Sem extrapolar o plano da figuração, pois os barcos e jangadas que retrata estão sempre visíveis, alguns até com riqueza de detalhes, Cella esfumaça os contornos da paisagem, e os dilui sob “a luz que cega, de tanto que ilumina”.

As imagens dessa série remetem às “pinturas brancas” do venezuelano Armando Reverón (1889-1954). Trabalhando na cidade litorânea de Macuto, próxima da linha do Equador, o artista, que vivenciava uma luminosidade similar à de Fortaleza, dizia: “A luz dissolve todas as cores e afinal todas as cores juntas tornam-se o branco”.

Fundindo e confundindo limites, Cella consegue extrair beleza da dura luz equatorial, produzindo imagens poéticas que evocam paz e serenidade.



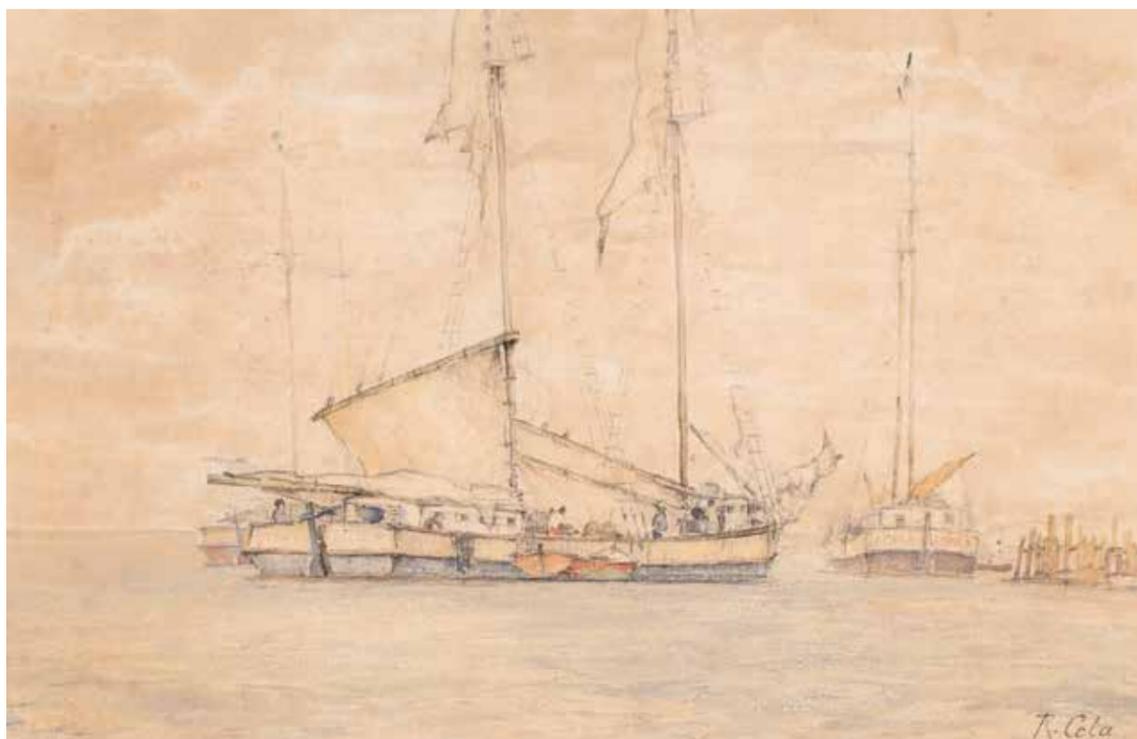
Praia em Camocim, CE, 1939
Óleo sobre tela
47 x 62 cm
Universidade de Fortaleza
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, c. 1944
Aquarela sobre papel
32 x 45 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, 1944
Aquarela sobre papel
37 x 53 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, 1945
Aquarela sobre papel
34 x 51 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Marinha com barcos, 1936
Aquarela sobre papel
39,5 x 54 cm
Governo do Estado do Ceará
Fortaleza - CE



Barra do Ceará, c. 1944
Aquarela sobre papel
37 x 54 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Jangada na praia, 1944
Aquarela e grafite sobre papel
34 x 52 cm
Coleção Particular
Fortaleza - CE



Raimundo Cella

Sobral, CE - 1890 - Rio de Janeiro, RJ - 1954

É mandado a Fortaleza para estudar no Liceu do Ceará. Forma-se em Ciências e Letras em 1909. Este título lhe dá o direito de concorrer a um curso de nível superior na capital do país.

Vai para o Rio de Janeiro. Matricula-se como aluno regular no curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica e como aluno livre na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Frequenta a cadeira de desenho de modelo-vivo, ministrada pelos professores João Zeferino da Costa (1840-1915) e Rodolfo Chambelland (1879-1967), e de pintura, com os professores Eliseu Visconti (1866-1944) e João Batista da Costa (1865-1926).



Último diálogo de Sócrates (1917)

Conquista a mais importante láurea da XXIV Exposição Geral de Belas Artes: o prêmio de Viagem ao Estrangeiro, com a obra *Último Diálogo de Sócrates*. Sua viagem à Europa não ocorre imediatamente devido à Primeira Guerra.

1890-1894

1890 - Raimundo Brandão Cella nasce às 3h30, do dia 19 de julho, em Sobral, Ceará, onde vive até os quatro anos. Seu pai José Maria Cella Mosquera, era espanhol, mecânico de profissão; sua mãe, Maria Carolina Brandão Cella, era cearense, de Sobral, professora primária. Raimundo era o primogênito e tinha três irmãos: Fernando, Maria e Áurea.

1894 - Muda-se com a família para Camocim, cidade litorânea próxima a Sobral, onde seu pai assume a direção da Estrada de Ferro. Aprende as primeiras letras no colégio da cidade, no qual sua mãe era professora.

1906-1909



Da esquerda para direita, em pé: um casal de amigos, Raimundo Cella, Manuela Cella e Fernando Cella (irmãos). Sentados: José Maria Cella e Maria Carolina Brandão Cella.

1910

1911-1916

1911 - Obtém o primeiro lugar no III Concurso de Composição de Quadros realizado na ENBA. É um dos alunos preferidos de Visconti.

1913 - Para ajudar na sua manutenção, trabalha como desenhista do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais.

1914 - É nomeado desenhista de primeira classe da Seção de Desenhos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, chefiada pelo, então Coronel, Cândido Mariano da Silva Rondon. Exerce essa função até 1919.

1916 - Obtém o primeiro lugar no Concurso de Modelo Vivo na Escola Nacional de Belas Artes, e, recebe a Pequena Medalha de Prata na XXIII Exposição Geral de Belas Artes daquele ano.

1917

1919

Cola grau como Engenheiro Geógrafo na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, RJ.



Natureza morta, s/d

Viaja à Europa em abril, chegando em Paris. Visita museus para ver a obra dos grandes mestres. Viaja para a Inglaterra, Bélgica, Holanda e Espanha. Instala seu ateliê em Dampierre, vilarejo próximo de Paris. Estuda gravura em metal com o pintor, gravador e litógrafo britânico Frank Brangwyn (1867-1956).



Notícia da participação de Raimundo Cela no *Salon des Artistes Français*, publicada no jornal *Liberté* de Paris, em 30 de abril de 1922.

1923 - Seu quadro clínico melhora, mas devido à necessidade de repouso retorna ao Brasil no início do ano. Logo após sua chegada seu pai falece. Cela volta a residir em Camocim e trabalha como engenheiro.

1927 - Falece sua mãe.



1934 - Casa-se com a amazonense Eunice Medeiros, então com 21 anos.

Muda-se, com a família, para Fortaleza, Ceará. Pinta o quadro *Abolição dos Escravos* para o Palácio do Governo do Ceará. Encanta-se com os trabalhadores do mar e com o movimento das jangadas, embarcação que não existia em Camocim.

1920-1921

1922

1923-1932

1934-1936

1838



Paisagem de Saint-Agrève (1921)

Tem uma pintura a óleo, intitulada *Paisagem de Saint-Agrève* (1921), e duas águas-fortes selecionadas para o *Salon des Artistes Français*, em Paris. Sua obra chama a atenção da imprensa francesa. Sofre uma hemorragia meníngea (AVC) que afeta sua visão e o impede de pintar.

1928 - É o responsável pela administração da Companhia de Força e Luz de Camocim. Volta a pintar, faz alguns retratos de amigos, mas seu principal interesse são os trabalhadores e a paisagem litorânea. São desse período as obras *Saída da Oficina*, *Cabeça de Homem*, *Cabeça de Vaqueiro* e *Praia em Camocim*.

1935 - Nasce seu primeiro filho, Paulo Sérgio, que o artista retrata no ano seguinte.



1936 - Nasce sua filha, Dolores, retratada pelo artista aos 8 anos.



Abolição dos Escravos (1938)

1942 - Torna-se professor da Escola de Agronomia, onde leciona Desenho de Aguadas, Perspectiva e Sombras. Seu ateliê passa a funcionar no foyer do Teatro José de Alencar, espaço cedido pelo Governo do Estado, para onde muitos artistas dirigiam-se para observar o mestre pintando. Participa do II Salão Cearense de Pintura.

1944 - Realiza uma exposição individual na Casa Juvenal Galeno, patrocinada pela Revista Contemporânea. É homenageado no III Salão Cearense de Pintura ao lado de Vicente Leite e Gérson Farias.

1945 - Volta ao Rio de Janeiro, residindo em Niterói. Realiza exposição individual no Museu Nacional de Belas Artes (19/6 a 3/7). Participa do I Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, recebendo a Medalha de Ouro.

Publica sua tese de concurso para a cadeira de Geometria Descritiva, da Escola Nacional de Belas Artes, denominada *Perspectiva das Sombras Solares*, ilustrada com a pintura *Jangadeiros em Palestra*, porém desiste do concurso por motivos de saúde.

1950 - Aprovado por unanimidade, pela Congregação da Escola Nacional de Belas Artes, para regência de talho-doce, água-forte e xilografia, introduz o ensino da gravura em metal na ENBA.

1951 - Dá início às aulas de gravura e leciona até 1954.

Falece no dia 6 de novembro de 1954, no Hospital dos Servidores do Estado, Rio de Janeiro, RJ. Suas obras participam da exposição A Europa na Arte Brasileira, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, RJ

1938-1941

Instala seu primeiro ateliê num salão cedido pelo comando do Colégio Floriano (hoje Colégio Militar do Ceará – CMC), onde ministra o curso de Desenho. Integra-se ao circuito artístico vigente na cidade naquele período, participando da fundação da primeira entidade de artes plásticas do Ceará: o Centro Cultural de Belas Artes. Participa do I Salão Cearense de Pintura, organizado pelo CCBA. Ainda nesse ano Cela realizou uma mostra individual no Hotel Excelsior.

1942-1943

1943 - Nesse ano é realizado o I Salão de Abril, promovido pela Secretaria de Arte da União Estadual de Estudantes (UEE). Raimundo Cela participa ao lado dos jovens Jean-Pierre Chabloz, Antônio Bandeira, Mário Baratta, Aldemir Martins, entre outros. É o período no qual Cela pinta a paisagem litorânea e os trabalhadores do mar na lida com suas jangadas. Participa do 9º Salão Paulista de Belas Artes, SP e recebe a Pequena Medalha de Ouro com a obra *Vencendo o Escarcéo*.

1944-1948

1947 - Obtém a Medalha de Ouro, na seção de Artes Gráficas, e a Medalha de Ouro, em pintura, no LII São Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Faz exposição individual no Palácio da Cultura, Ministério da Educação, Rio de Janeiro. Conquista o Prêmio Antônio Parreiras, de pintura, no VII Salão Fluminense de Belas Artes, Niterói, e a Pequena Medalha de Ouro no IX Salão Paulista de Belas Artes, São Paulo.

1948 - Leciona Modelo Vivo e Desenho Figurado, na Escola Fluminense de Belas Artes, Niterói, RJ. Participa do LIII Salão Nacional de Belas Artes, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro e do VIII Salão Fluminense de Belas Artes, Niterói, RJ, no qual recebe a Medalha de Ouro.

1949



Acima, Raimundo Cela, o primeiro à direita, em almoço com a família e amigos.



À esquerda, Cela e sua mulher, Eunice em 1951.

1950-1951

1954

O Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro realiza, em 1956, uma exposição póstuma, em homenagem ao artista, organizada pelo Deputado Federal Crisanto Moreira da Rocha



Deputado Federal Crisanto Moreira da Rocha e convidados na exposição póstuma de Raimundo Cela no MNBA, em 1956.

**AGRADECIMENTOS
ESPECIAIS**

Airton Queiroz
Delano Pessoa
José Guedes
Paulo Linhares
Pedro Eymar

AGRADECIMENTOS

Aglaia Vieira
Alfredo Turbay Neto
Aleixo Pigari
Beatriz e Lauro Fiuza
Bitu Cassundé
Carla Pontes
Cláudia Rocha
Daniela Matera Gomes
Demétrio Magalhães
Edson Alves Filho
Etevaldo Nogueira Filho
Eugênio Vieira
Fabiano Piúba
Fernando Laprovitera
Gildomar N. Marinho
Gilvana Linhares
Henry de Holanda Campos
Isabel Lustosa
Izolda Cela de A. Coelho
Jacqueline Melo
Joana Jereissati
João Wilson Damasceno
José Augusto Bezerra
José Carlos Valente Pontes
José Eduardo de Souza Carvalho
José Erivaldo Arraes
José Maria de Sales Andrade Neto
Jovânia Randal Mota
Leonardo Borba
Luciene Pereira
Luiza de Marilac Queiroz Cavalcante
Márcio Crisóstomo
Marília Queiroz
Melina de Carvalho Barbosa
Mônica Tachotte
Mônica Xexéo
Nilton Melo Almeida
Noélia Fernandes dos Santos
Paula e Silvio Frota
Rachel Fernandes Jucá
Randal Pompeu
Renata e Tasso Jereissati
Ricardo Albuquerque
Rita da Ponte R. Pompeu
Roberto Freire Junior
Thiago Braga
Valéria Girão
Yolanda Queiroz

INSTITUIÇÕES

Academia Cearense de Letras
Banco do Nordeste do Brasil
Casa de José de Alencar
Fundação Edson Queiroz
Governo do Estado do Ceará
Instituto Dragão do Mar
Museu Nacional de Belas Artes
Museu de Arte da Universidade
Federal do Ceará
TV Assembleia - CE
Universidade Federal do Ceará
Universidade de Fortaleza

FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

Idealização Galeria Almeida e Dale
Curadoria Denise Mattar

Cenografia Guilherme Isnard
Programação Visual Kaminari Comunicação
Design de Luz - SP Augusto Vicente Costa
Design de Luz - RJ Guinard
Montagem de Luz - RJ Well Ribeiro
Produção Executiva Elisa Matos
Assistente de Curadoria Rachel Vallego
Assistente de Cenografia Caroline de Paula
Produção local - RJ Izabel Ferreira
Cartas - Locução Alan Santos
Estúdio Bruno Cardozo
Fotografia obras Celso Oliveira, Sergio Guerini,
Jaime Acioli
Fotografia exposição Fernando Silveira
Digitalização Natália Tonda
Restauração Denise Guiglemeti
Museologia Cecília Bedê, Fernando Marques,
Graciele Siqueira, Márcia Oliveira,
Equipe MAB-FAAP
Montagem Equipe MAB-FAAP - SP
Equipe MNBA - RJ
Cenotecnia Liz Eventos - SP
Fátima Souza - RJ
Tapeçaria Charles Deak
Revestimento Solpack
Multimídia Rafael Botter
Edição de vídeo F for Felix

Transporte Millenium
Seguro Pro Affinité - ACE Seguradora
Assessoria de Imprensa A4 e Holofote Comunicação - SP e RJ
Raquel Silva - RJ
Sinalização Insign - SP

Administração João Isnard
Assistente Administração Celeste Bartoletti
Produção Curatorial Denise Mattar
Gráfica RR Donnelley

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

CONSELHO DE CURADORES

Presidente

Sra. Celita Procopio de Carvalho

Integrantes

Dr. Benjamin Augusto Baracchini Bueno

Dr. Octávio Plínio Botelho do Amaral

Dr. José Antonio de Seixas Pereira Neto

Sra. Maria Christina Farah Nassif Fioravanti

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente

Dr. Antonio Bias Bueno Guillon

ASSESSORIA DA DIRETORIA

Assessor Administrativo e Financeiro

Sr. Tomio Ogassavara

Assessor de Assuntos Acadêmicos

Prof. Rogério Massaro Suriani

MUSEU DE ARTE BRASILEIRA

GESTÃO

Fernanda Celidonio

José Luis Hernández Alfonso

ADMINISTRAÇÃO

Claudia Caroli

ACERVO

Laura Suzana Rodríguez

CONSERVAÇÃO

Maria Cristina Ribeiro dos Santos

Ana Carolina Cunha Boaventura

SECRETARIA

Maria R. O. Menezes

MONTAGEM

Fábio Florêncio Borges

Rafael Filipe da Silveira

SERVIÇO EDUCATIVO

Tatiana Bo

Wagner Pereira Silva

Rita de Cássia da Silva Ribeiro

Educadores

Cássia Roberta A. Oliveira

Cristina Helena Walter

Fernando de Souza Carvalho

Paula Sayuri Shiobara Yida

Rafael Moraes Limongelli

EVENTOS

Fernanda Celidonio

Andrea Sendulsky

Flávia Watanabe

FOTOGRAFIA

Fernando Silveira

MARKETING

Patrícia Dib

João Paulo Vanigli

Priscila Braganti

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Tatiana Serafino

e WN&P Comunicação

SEGURANÇA E LIMPEZA

Impacto